

Edição 335 | Outubro/Novembro 2022



Fala, Irmão José!
Sabedoria e Vida
 Pág 02



Você Sabe Quem foi?
Jorge Andrea dos Santos
 Pág 14



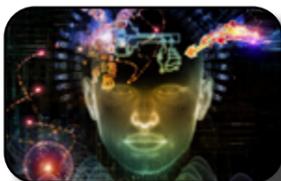
Abrindo Janelas
Quando a Dor Bate à
Minha Porta
Ana Tereza Casmamie
 Pág 02



Desvendando o Evangelho
Segundo o Espiritismo
Necessidade Da Caridade,
segundo Paulo
 Pág 20



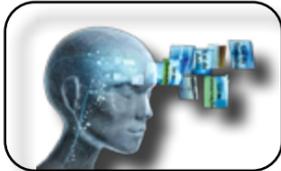
Espaço Chico Xavier
Em Seu Benefício
 Pág 03



Ciência e Espiritismo
Liga dos Pesquisadores do
Espiritismo
 Pág 17



O que Disse Kardec
A União
 Pág 04



Aprofundando o
Conhecimento das Leis Divinas
A Lei do Progresso e as Mudanças
na Terra Pág 20



Filosofia e Espiritismo
Teoria e Vivência
 Pág 05



Obras Básicas em Foco
Papel Da Ciência na gênese
 Pág 22



Psicologia Espírita
por Joanna de Ângelis
Jesus e a Humanidade
 Pág 13



A Pobreza que emudece e
afronta: entendendo a Aporofobia
 Pág 25



O Livro dos Espíritos
Pilar do Espiritismo
Inteligência e Instinto
Com comentários de Miramez
 Pág 08



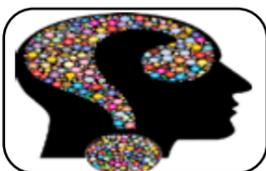
Lidando com O Aborto
Espontâneo
 Pág 27



Dicas de Leitura
Deus, Antes e Depois de
Jesus
 Pág 11



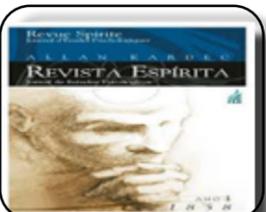
Qual Nosso Papel no
Combate à Violência Contra as
Mulheres?
 Pág 28



Para Reflexão
Na Busca do Equilíbrio
 Pág 12



A Fome e os Espíritos
 Pág 31



Instruindo-se com a
Revista Espírita
A Fatalidade e O Pressentimento
 Pág 13



Fora da Caixinha
Acontece por aí...
 Pág 33

“Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e porque está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança .”

(Allan Kardec - ESE - Cap 6 - Ítem 4)

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: idem@geedem.org.br



Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDM, enseja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

Sabedoria e Vida

Quando Jesus nos recomendou retribuir o mal com o bem, Ele tencionava ensinar-nos a viver com sabedoria.

O mal que combate o mal é combustível lançado sobre o incêndio. Se alguém te injuria e condena, em vez de responder no mesmo tom, fala bem desse alguém, destacando-lhe as virtudes com sinceridade.

Não percas ocasião de exaltar as qualidades de teus adversários gratuitos e, a pouco e pouco, eles haverão de modificar as suas concepções a teu respeito.

Não te preocupes em defender-te com palavras, porque O silêncio aliado ao trabalho é o mais eloquente e poderoso dos argumentos em teu favor.

Quem, inadvertidamente, aceita a provocação das trevas, faz o jogo em que as trevas sempre terminarão por vencer.

Fonte: Livro Ajuda-te e O Céu te Ajudará (Carlos Baccelli/ Irmão José)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explicações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Palestrante: Ana Tereza Casmamie

Tema: Quando a dor bate à minha porta

Assista na íntegra:

https://www.youtube.com/watch?v=rSWck1lwYdY&list=PLR5ql-QHR_HkjBqhs-g0WpymjB6-j_JNP&index=20

O verdadeiro espírita não é o que crê nas manifestações, mas aquele que aproveita do ensino dado pelos Espíritos. De nada adianta acreditar, se a crença não o levar a dar um passo à frente no caminho do progresso e não o tornar melhor para com o seu próximo.

Allan Kardec



A União

"Seja-vos possível fundir-vos em uma única e mesma família..."

Enquanto a oportunidade se apresenta, revesti-vos do manto branco, abafai as discórdias, pois que as discórdias pertencem ao reino do mal que vai ter fim. Seja-vos possível fundir-vos em uma única e mesma família e dar-vos mutuamente, do fundo do coração e sem pensamento premeditado, o nome de irmãos. Se, entre vós, há dissidências, causas de antagonismos, se os grupos que devem todos marchar para um objetivo comum, estiverem divididos, eu o lamento, sem me preocupar com as causas, sem examinar quem cometeu os primeiros erros e me coloco, sem hesitar, do lado daquele que tiver mais caridade, isto é, mais abnegação e verdadeira humildade, pois aquele a quem falta a caridade está sempre errado, assistido embora por qualquer espécie de razão, pois Deus maldiz quem diz a seu irmão: racca.

Os grupos são indivíduos coletivos que devem viver em paz, como os indivíduos, se, realmente, são espíritas. Eles são os batalhões da grande falange. Ora, o que será feito de uma falange cujos batalhões se dividirem? Aqueles que vêem o próximo com olhos ciumentos, provam, só por isso, que estão sob uma ruim influência, pois que o Espírito do bem não pode produzir o mal. Vós o sabeis: a árvore reconhece-se pelos frutos. Ora, o fruto do orgulho, da inveja e do ciúme é um fruto envenenado que mata quem dele se nutre.

O que digo das dissidências entre grupos vale, igualmente, para as que possam haver entre os indivíduos. Em semelhante circunstância, a opinião das pessoas imparciais é sempre favorável àquele que dá provas de maior grandeza e de generosidade. Aqui na Terra, onde ninguém é infalível, a indulgência recíproca é uma conseqüência do princípio da caridade que nos leva a agir para com os outros como quereríamos que os outros agissem para conosco. Ora, sem indulgência não há caridade, sem caridade não há verdadeiro Espírita. A moderação é um dos sinais característicos desse sentimento, como a acrimônia e o rancor são sinais da negação. Com ²acrimônia e espírito vingativo deterioram-se as mais dignas causas, mas com a moderação fortalecemo-las, se estamos de seu lado, ou delas passamos a participar, se não o fizemos ainda. Se, pois, eu tivesse de opinar em uma divergência, eu me preocuparia menos com as causas e mais com as conseqüências. As causas, em querelas ocasionadas sobretudo por palavras, podem ser o resultado de questões das quais nem sempre somos senhores; a conduta ¹ulterior de dois adversários é o resultado da reflexão; eles agem de sangue frio e é então que o verdadeiro caráter de cada uma das partes se define. Uma ruim cabeça e um mau coração caminham muitas vezes juntos, porém rancor e bom coração são incompatíveis. Minha medida de apreciação seria, então, a caridade, isto é, eu observaria aquele que menos mal diz de seu adversário, aquele que é o mais moderado em suas recriminações. É segundo esta medida que Deus nos julgará, pois que Ele será indulgente para quem tiver sido indulgente e será inflexível para quem tiver sido inflexível. ocasionadas sobretudo por palavras, podem ser o resultado de questões das quais nem sempre somos senhores; a conduta ulterior de dois adversários é o resultado da reflexão; eles agem de sangue frio e é então que o verdadeiro caráter de cada uma das partes se define. Uma ruim cabeça e um mau coração caminham muitas vezes juntos, porém rancor e bom coração são incompatíveis. Minha medida de apreciação seria, então, a caridade, isto é, eu observaria aquele que menos mal diz de seu adversário, aquele que é o mais moderado em suas recriminações. É segundo esta medida que Deus nos julgará, pois que Ele será indulgente para quem tiver sido indulgente e será inflexível para quem tiver sido inflexível.

A rota traçada pela caridade é clara, infalível e sem equívocos. Poderíamos defini-la assim: "Sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse".

Tomando-a por guia, podemos estar certos de não nos afastar do caminho reto que conduz a Deus. Quem deseja, de maneira sincera e séria trabalhar por sua própria melhoria, deve analisar a caridade em seus mínimos detalhes e por ela conformar sua conduta, pois ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, tanto às mais simples, quanto às mais complexas. De cada vez que estivermos incertos quanto ao partido a tomar, no interesse alheio, basta que interroguemos a caridade e ela responderá, sempre de maneira justa. Infelizmente escuta-se mais freqüentemente a voz do egoísmo.

¹posterior

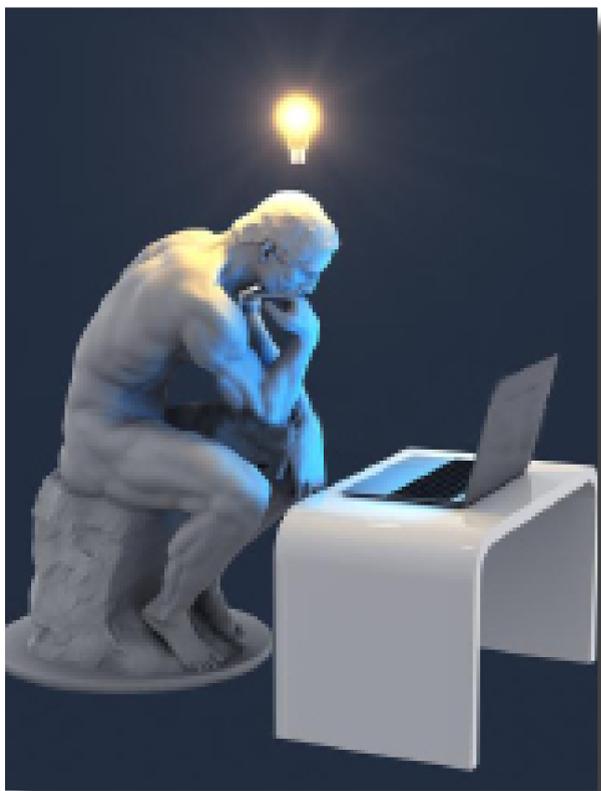
²Modo de agir de quem é indelicado, áspero, mal-humorado; aspereza.

Fonte: Livro Viagem Espírita, 1862

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Diante de quaisquer dificuldades, e, sobretudo, nas horas de amargura suprema, confia à Divina Providência as dores que te vergastam a alma!

Chico Xavier



Filosofia e Espiritismo

Kardec afirma, na introdução de O Livro dos Espíritos, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

Filosofia Espírita - Teoria e Vivência

“Para filosofar precisamos de aprender a ciência do mergulho em nós mesmos.” (J.H.Pires)

Há uma grande importância no significado prático da filosofia e da filosofia espírita, como grandes incentivadores à reflexão que faculta o autoconhecimento e abre amplas perspectivas ao entendimento das magnas questões humanas e espirituais. Se pensarmos em filosofia apenas como uma disposição para o pensar, estaremos minimizando a sua importância no contexto da história humana. Na filosofia, aprendemos a analisar os elementos que compõem a existência do ser-no-mundo; e isto, porque há em nós uma inquietação existencial congênita. Já a filosofia espírita amplia essa busca, e revela a existência do ser interexistente em infinitas dimensões temporais, evolutivas, manifestando as suas luzes ou suas sombras nas formas concernentes ao seu nível de consciência.

A filosofia busca respostas, eleva-se, desenvolve-se, reflete-se, retoma ao reconsiderar as respostas anteriores. Não conclui, apenas conduz. E é nessa caminhada que o ser se descobre, na constante e infinita perquirição de si mesmo. O personagem shakesperiano, Hamlet, frente ao espelho, e com os restos mortais de seu bobo-da-corte à frente, abre essa perspectiva angustiante do nada, do vazio desconcertante e avassalador que nos toma de assalto frente ao silêncio da morte. A grande questão, ele diz, está no ser, ou no não-ser? É nisto (restos mortais) que nos transformamos?

O existencialismo – ou a angústia de existir – exorta o homem a existir inteiramente “aqui” e “agora”, para aceitar sua intensa “realidade humana” do momento presente – o futuro não é outra coisa que visões e ilusões para dar ao nosso presente direção e propósito. “Cem anos após Kardec, a filosofia na França quase se desfez nos sofismas do nada, com Jean Paul Sartre e sua escola. Mas Simone de Beauvoir, companheira e discípula de Sartre, confirma e ilustra as considerações de Kardec, ao escrever: ‘...detesto pensar no meu aniquilamento. Penso com melancolia nos livros lidos, nos lugares visitados, no saber acumulado e que não mais existirá.(...)’, em La Force des Choses”. A aproximação da morte, sob a idéia do nada, acarreta às criaturas mais cultas essa desesperança amarga. (PIRES, J.H.)”

É sob essa angustiante perspectiva que a inteligência humana tem buscado minimizar a realidade inegável e irrecusável da morte. O Pensador (Le Penseur) é uma das mais famosas esculturas de bronze do escultor francês Auguste Rodin. Retrata um homem em meditação profunda, num gestual próprio de quem está em luta com uma poderosa força interna. Tornou-se arquétipo do pensar filosófico como busca de si mesmo. Todos aqueles que já conseguiram ultrapassar a superfície do existir como usufruto das formas, mesmo porque elas trazem em si mesmas o sinal de sua intrínseca fragilidade, se identificam com essa figura. O Pensador traz a angústia da forma dilacerada pelo sofrimento; quase disforme, desproporcional, transmite o intenso drama interior de que é portador. Seu cenho carregado, oculta o olhar que permanece voltado para baixo. Ele não busca respostas no céu acima de seu pensamento, mas na terra abaixo de seus pés. Ele não demonstra um pensar sereno, mas uma dor atormentada pela ausência de respostas. Está nu. Abandonado ou desprovido das ilusões que pudessem ocultar-lhe a própria realidade, ele se expõe. E deixa uma das mais eloquentes mensagens ao ser humano atual: a verdadeira realidade do ser não jaz aqui, na temporalidade precívél, mas na imortalidade daquele que pensa: o Espírito.

As “previsões” de grandes tragédias por acontecer, através do cinema e da TV, retratam, metaforicamente esse drama atual: o ser humano, perdido em seus dramas interiores quer destruir a si mesmo, destruindo a fonte de sua própria existência – o planeta em que vive.

Outros autores cujas obras estão hoje nas telas, utilizam-se dos sentidos humanos (Babel, Ensaio sobre a Cegueira), para um novo mergulho dentro de si, através do mundo sensível, buscando trazer à tona as suas tragédias pessoais projetando-as aos seus semelhantes num movimento catártico, em busca de identificação.

Em 25 séculos de filosofia, temos inumeráveis doutrinas contraditórias. Nenhum dos pensadores ocidentais estiveram de acordo com relação às suas proposições. Há uma insatisfação profunda, gerada pela ausência de concordância. A meta final deve ser a realização, mas quem a conseguiu até agora?

Louvemos todos aqueles que tentaram. Seus esforços imortalizaram a trajetória do espírito humano em sua infinita jornada pelo autoconhecimento. Mesmo aqueles que se perderam no próprio vazio. Assim agiram, pela absoluta necessidade de identificação com o outro, e todos, com Deus.

¹“Deus está morto”, disse Nietzsche, certa vez. O deus apresentado pelas religiões, este sim, está morto. Morreu por falta de misericórdia, por ausência de amor ao próximo. Morreu por asfixia, mergulhado nos milhões de moedas geradas pela arrecadação criminosa obtida da ingenuidade e da falta de conhecimento. Morreu em cada ritual vazio de respostas, que perpetua a crença de que a crucifixão é nossa libertação (!?). Morreu em cada ser mutilado ou assassinado por balas perdidas ou bombas amarradas ao próprio coração daquele que O busca em desespero. Morreu em cada árvore caída, em cada rio poluído, no super aquecimento do ar que respiramos.

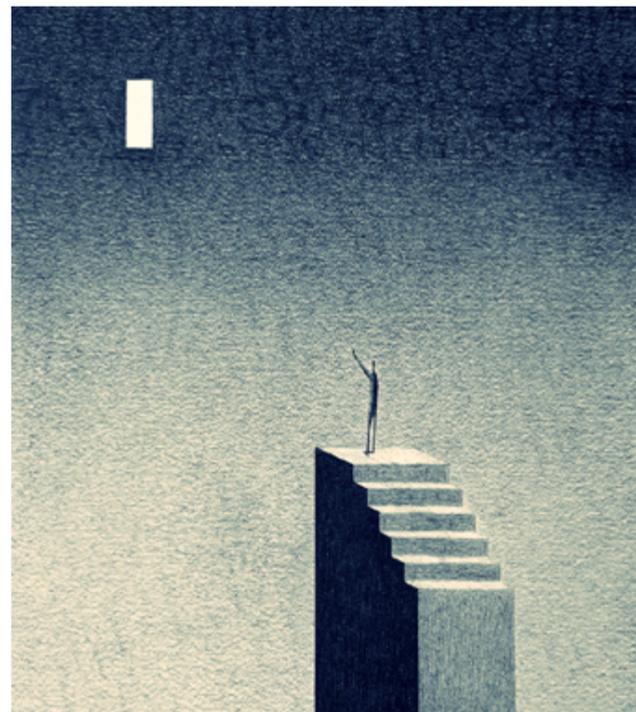
Morreu ainda, pela ausência de amabilidade, cordialidade e respeito mútuo entre aqueles que se dizem seus seguidores.

Herculano cunhou a expressão “agonia das religiões” (PIRES, J.H.), para bem definir esse processo de transmutação da ostentação para a interiorização. Ostentação da fé, para auto afirmar-se. Para perpetuar a representação olímpica do deus humano sobre a Terra, na figura daqueles que insistem em representá-lo.

Deus não tem representantes. Tem filhos. E foi o maior deles, desfigurado pelo psiquismo arquetípico humano, fazendo de sua pessoa e de suas ações projeções de um herói mitológico, filho de um deus com uma mortal, e, portanto portador de virtudes milagrosas e espetaculares, misto de herói-mártir-guerreiro, que veio libertar-nos do Mal, igualmente projetado na figura arquetípica do anjo decaído que persiste em atormentar os seres humanos com doenças e flagelos, que surge entre nós, num dos momentos mais graves de nossa evolução.

Renascido na doutrina espírita, de forma igualmente simples, assim como viera em pessoa na manjedoura de luz, Jesus transfigura-se no Ser completo, naquele que é uno com o Pai porque identifica-se com suas leis, em sua consciência dilatada pelo Amor aceito porque compreendido.

No formato de Filosofia, o Espiritismo sintetiza os esforços humanos em busca de si, ilustrado pela imagem de O Pensador. Como Filosofia, analisa os elementos que compõem, sim, a existência do ser no mundo, porém, acrescidos da grande jornada que o aguarda na linha do tempo, fora deste mundo também.



O Ser é – jamais poderia não ser. O existencialismo kierkegaardiano, nietzscheniano, sartreano, serviu como uma lâmpada vermelha a pulsar, intermitente, como a dizer: acordem! A angústia beauvoiriana frente às possíveis perdas de seus tesouros intelectuais com o apelo inequívoco da morte, permanece no coração das mães e dos pais que perdem seus filhos adolescentes para as drogas, para o álcool, para o crime, para a sexualidade em patológico desvario. A desesperança gerada pelo “escândalo” tem seu lenitivo na filosofia dos Espíritos Superiores; Sócrates a antecedeu, com a sua amável vivência ético-moral com bases na lógica incontestável da Verdade. Platão, com a realidade do mundo das idéias que jazia acobertada no fundo da caverna. Aristóteles, a premência do mundo das formas a delinear a persona e suas realizações.

A Filosofia Espírita não é instrumento para mera elucubração. Nem tampouco de ostentação frente aos troféus humanos e mundanos. É sim uma alternativa, um convite (por ora) para a mudança do atual sistema de pensar.

O pensar filosófico-espírita prevê um universo de autodescobertas, porém, impõe nesse processo, o reconhecimento da presença de Deus em nós através de suas leis, condutoras de nossa lógica, de nosso desenvolvimento, de nosso evoluir, de nossa amorosidade. As Leis Morais didaticamente definidas pelos Espíritos a Kardec, representam parte do processo de conscientização e de reconhecimento do divino em nós.

Não-ser é o desvario acima descrito; não-ser compõe os torpes sentimentos que nos afastam uns dos outros: a inveja, a soberba com sua filha, a prepotência. Esses elementos, poderosos em sua capacidade auto e alo destrutiva, faz estagnar o ser em sua nulidade existencial. E proclama a sua necessidade de sofrer para despertar.

Tal jornada ainda não terminou. O exemplo de Jesus, permanece como uma imagem-mensagem subliminar a permear o nosso momento existencial. Seu apelo continua pulsando nos corações humanos. A leitura desse chamamento tem sido decodificado de forma errada. Porém, ele continua ali. E quando o ser fartar-se de não-ser, abrirá seu coração e sua mente para o banquete – não o platônico, como representação do sensível, mas o nupcial, o inteligível, porque pleno de alegria, esperança e identificação com Deus.

Sonia Theodoro da Silva- São Paulo-SP: bacharelada em Filosofia, fundadora do CEFÉ-Centro de Estudos Filosóficos Espíritas

Bibliografia base: Agonia das Religiões e Introdução à Filosofia Espírita, J. Herculano Pires

Fonte: Espirito.org

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados - e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em A Gênese que: "Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação." Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da Revista Espírita o termo Jornal de Estudos Psicológicos, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

Jesus e a Humanidade

Jesus-Homem é a lição de vida que haurimos no Evangelho como convite ao homem que se deve deificar. Não havendo criado qualquer doutrina ou sistema, Jesus tornou a Sua vida o modelo para que o homem se pudesse humanizar, adquirindo a expressão superior.

No Seu tempo, e ainda agora, o homem tem sido símbolo de violência, prepotência e presunção, dominador exterior, estorcegendo-se, porém, na sua fragilidade, nos seus conflitos e perecibilidade. Após os Seus exemplos surgiu um diferente homem: humilde, simples, submisso e forte na sua perenidade espiritual.

Enquanto os grandes pensadores de todos os tempos estabeleceram métodos e sistemas de doutrinas, Ele sustentou, no amor, os pilares da ética humanizadora para a felicidade.

Não se utilizou de sofismas, nem de silogismos, jamais aplicando comportamentos excêntricos ou fórmulas complexas que exigissem altos níveis de inteligência ou de astúcia. Tudo aquilo a que se referiu é conhecido, embora as roupagens novas que o revestem.

Utilizou-se de um insignificante grão de mostarda, para lecionar sobre a fé; recorreu a redes de pesca e a peixes, para deixar imperecíveis exemplos de trabalho; a semente caindo em diferentes tipos de solos, para demonstrar a diversidade de sentimentos humanos ante o pólen de luz da Sua palavra.

O "sermão da montanha" inverteu o convencional e aceito sem discussão, exaltando a vítima inocente ao invés do triunfador arbitrário; o esfaimado de justiça, de amor e de verdade, em desconsideração pelo farto e ocioso, dilapidador dos dons da vida.

Jesus é a personagem histórica mais identificada com o homem e com a humanidade.

Todo o Seu ministério é feito de humanização, erguendo o ser do instinto para a razão e daí para a angelitude. Igualmente, é o Homem que mais se identifica com Deus. Nunca se lhe refere como se estivesse distante, ou fosse desconhecido, ou temível.

Apresenta-o em forma de Amor, amável e conhecido, próximo das necessidades humanas, compassivo e amigo.

Reformula o conceito mosaico e atualiza-o em termos de conquista possível, aproximando os homens dele pela razão simples de Ele estar sempre próximo dos indivíduos que se recusam a doar-se-lhe em amor.

Referindo-se ao "reino", não o adorna de quimeras nem o torna pavoroso; antes, desperta nos corações o anelo de conseguirlo na realidade da transcendência de que se reveste.

Nega o mundo, sem o maldizer, abençoando-o nas maravilhosas paisagens nas quais atende a dor, e deixa-se mergulhar em meditações profundas sob o faiscar das estrelas luminíferas do Infinito.

Jesus, na humanidade, significa a luz que a aquece e a clareia.

Se te deixaste fossilizar por doutrinas ortodoxas que pretendem nele ter o seu fundador, renasce e busca-O, na multidão ou no silêncio da reflexão, fazendo uma releitura das Suas palavras, despidas das interpretações forçadas.

Se te decepcionaste com aqueles que se dizem seguidores dele, mas não lhe vivem os exemplos, olvida-os, seguindo-O na simplicidade dos convites que Ele te endereça até agora e estão no conteúdo das Suas mensagens, ainda vivas quão ignoradas.

Se não lhe sentiste o calor, rompe o frio da tua indiferença e faze-te um pouco imparcial, sem reações adrede estabelecidas, facultando-Lhe penetrar-te o coração e a mente.

Na tua condição humana necessitas dEle, a fim de cresceres, saindo dos teus limites para o infinito do Seu amor.

Jesus veio ao homem para humanizá-lo, sem dúvida.

Cabe-te, agora, esquecer por momentos das tuas pequenezes e recebê-lo, assim cristificando-te, no logro da tua realização plena e total.

Fonte: Livro *Jesus e Atualidade (Psicografia Divaldo P. Franco)*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



O Livro dos Espíritos Pilar do Espiritismo

Quem já leu "O Livro dos Espíritos", por Allan Kardec, que passe a estudar; quem já estudou, que o consulte de novo e quem já consultou, que procure gravar mais seus ensinamentos, pois muito ainda temos que aprender para compreender as leis espirituais. (Bezerra de Menezes)

O Livro dos Espíritos »Parte Primeira »Das Causas Primárias »Capítulo IV »Do Princípio Vital »Inteligência e Instinto (Questões 71 a 75)

Com Comentários de Miramez do Livro *Filosofia Espírita II*

71. A inteligência é atributo do princípio vital?

“Não, pois a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.”

Comentários de Miramez

A inteligência é um atributo - Cap 20

A inteligência é um atributo do Espírito. Ela existe na alma desde seus primórdios, obedecendo a uma escala descendente, para depois ascender nesta mesma ordem, desabrochando todas as suas qualidades inerentes aos poderes do Espírito. A faculdade de pensar e de raciocinar dos seres humanos foi o mesmo instinto do animal que desabrochou pela força dos evos e pelas bênçãos do Criador. Esse mesmo instinto esteve antes na vida da árvore, como presença divina estabelecadora da harmonia vegetal. E, descendo mais, vamos encontrá-la na pedra, coordenadora da sintonia atômica, na mais perfeita agregação de elementos, ramificada na inteligência divina. Esse atributo do Espírito, no anjo, livre dos embaraços terrenos, passa a chamar-se intuição, faculdade esta conhecida pelos santos e sábios. É bom que meditemos sobre esta frase: "O homem começa a entrar na senda da felicidade, quando esquece o raciocínio", por alcançar outro estágio desse atributo divino, no coração que ama, no amor dos anjos.



O Espírito reencarna para despertar certas qualidades no centro da sua consciência. Preso na carne, as condições são mais favoráveis e, na mesma oportunidade, sensibiliza a matéria, que também tem sua ascensão marcada no progresso de todas as coisas criadas por Deus. Não devemos ignorar as leis estabelecidas pelo Soberano Arquiteto do Universo, nem julgá-Lo, quando não ocorre no nosso raciocínio o porquê das coisas. Ele nada fez nem faz errado. O Universo está em plena harmonia, desde a matéria primitiva, muito distante da ciência perceber, até os ninhos cósmicos, em viagens vertiginosas no espaço infinito da criação. O Espírito encarnado está muito longe de conhecer os dons que possui. Todos os aparelhos descobertos pelos homens, de grande utilidade na Terra, são pálidas imagens dos tesouros espirituais, que dormem dentro destes mesmos homens. É por isso que sempre falamos que o corpo é um universo em miniatura e o Espírito, um pequeno deus em ascensão, com todas as qualidades de perfeição em estado latente, como faculdades da alma.

A inteligência não é o Espírito, é um dos seus atributos em expansão, sujeito a variadas metamorfoses, porém sempre ascendendo. É nesse ascender e crescer que a Doutrina dos Espíritos aparece nos nossos caminhos, nos propondo meios e facultando métodos mais racionais, no condicionamento da verdade, visando à nossa libertação. Certamente que a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais, mas, para os que estão na matéria; é lógico, de Espírito para Espírito, que a inteligência é patrimônio espiritual, manifestada por recursos que a alma alcançou.

O Espírito encarnado somente pode demonstrar a sua inteligência pelos órgãos materiais, sensibilizados pela força vital, qual a eletricidade sensibiliza o aparelho de rádio e televisão, para se ouvir a transmissão e ver as imagens. A vida é, pois, muito linda!

Podemos chegar ao êxtase quando aprendemos a senti-la, porque Deus está em nós, esperando que acordemos para vê-Lo, sensibilizando todos os nossos dons para ouvi-Lo e entendê-Lo, como Amor e Luz que nos dá a vida.

72. Qual a fonte da inteligência?

“Já o dissemos: a inteligência universal.”

a) – Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?

“Isto não passa de simples comparação, porém inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Ademais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número.”

Comentários de Miramez **A inteligência do homem - Cap 21**

Quando falamos da inteligência do homem, estamos nos referindo, certamente, ao ser pensante. A nossa inteligência, de certa forma, está ligada à Inteligência Suprema, na qualidade de sua filha do coração, sem contudo ser uma fração dessa, mas, criação da grande potência universal. Ainda escapam para nós outros os processos naturais da formação da mônada espiritual. Os detalhes pertencem à excogitação do tempo, pelos canais do espaço. A verdade é disseminada para todos e para cada um, na própria dimensão em que vive. Não há violência para nenhum reino de vida.

O Criador dispõe de Sua sabedoria soberana, de forma a nos conduzir para os nossos irmãos menores, no sentido de que eles possam aprender conosco e, ao mesmo tempo, nos leva para os instrutores maiores, de modo a aprendermos com eles. As experiências são cambiáveis por lei de compensação e por lei de amor, e nessa escola divina nasce a fraternidade entre as criaturas. A fonte da nossa inteligência é Deus, mas não como sendo uma parte da inteligência divina, mostrando assim que não há enfraquecimento do Supremo Comando ao nos criar. A criação é uma ciência, ou, se podemos dizer, uma receita que não foi ensinada aos co-criadores. A inteligência da alma é mais ou menos livre, na extensão dos seus inumeráveis caminhos, para usar, dentro do seu âmbito de liberdade, a sua própria liberdade de pensar e de agir no mecanismo da vida. A nossa mente, de encarnados e desencarnados, absorve coisas no ambiente em que vive. Ela pode assimilar, registrando ideias alheias; ela está sujeita ao condicionamento do que vê e ouve. No entanto, tudo isso tem um limite que as leis de Deus não esquecem, e agem pelos engenhosos processos da consciência de, com o tempo, selecionar o que ouve e o que vê: é a presença de Deus em nós, pelos meios que muitos desconhecem, mas que constitui uma verdade. O futuro irá nos mostrar coisas incríveis e inimagináveis em relação aos nossos dons.

Sempre falamos na evolução dos Espíritos; empregamos alhures esse termo; no entanto, na verdade existe um despertar de nossas qualidades, por já sermos perfeitos dentro da perfeição do Absoluto. Estamos acordando e vamos continuar a acordar gradativamente. Em comparação com os anjos somos mortos, ou, se quisermos dizer, estamos dormindo.

A inteligência, onde gera a razão nos proporciona a individualidade. Podemos pensar e fazer o que nos convém, sendo que a lei nos faz responder pelos nossos atos. O plantio está na nossa liberdade, porém a colheita é obrigatória, para nos ensinar a sermos bons semeadores. Não absorves a inteligência, da maneira que absorves o oxigênio na atmosfera em que vives, e nós, o hálito divino na condição de desencarnados. Não. Quando surgimos das mãos santificantes de Deus, trazemos dentro de nós, como herança divina, todas as qualidades da perfeição, que acordam de passo a passo, que desabrocham de primavera a primavera, sob o comando do próprio Criador, por intermédio, no nosso caso na Terra, de Jesus Cristo.

73. O instinto independe da inteligência?

“Precisamente, não, porque o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres proveem às suas necessidades.”

Comentários de Miramez **O instinto em marcha - Cap 22**

Já falamos algumas vezes que o instinto é uma inteligência rudimentar sem a conquista do raciocínio, é um atributo do Espírito em marcha para a perfeição. No animal ele é, pois, o primeiro clarão da alma, esforçando-se para chegar às condições do humano. A mão divina atende a toda a criação, de acordo com a sua elevação espiritual. O animal, na sua condição instintiva, nos mostra com clareza, o quanto já viajou, desde os primeiros movimentos da mônada, procurando se expressar em um corpo. Como é infinita a ascensão, ele não pára de buscar e nesta busca encontra as inúmeras possibilidades do despertar das suas qualidades, onde Deus deu o toque de vida.

Difícilmente poderemos constatar onde termina o instinto e começa a razão. Esses dois valores se confundem e se aprimoram no decorrer da vida, em busca de Deus. A transmutação é vagarosa, entretanto, nunca se estaciona. Ela avança em todas as direções, procurando sempre o melhor, por ser o seu objetivo a perfeição. O animal, além de encontrar programado nos rudimentos da sua consciência o que deve fazer, recebe, paralelamente, essa bênção, coadjuvante para as suas necessidades, que é o instinto, dando ordens e formando atitudes, sem que entrem nesse movimento os pensamentos, por não haver capacidade de formação das ideias. Se o animal não pensa, escapam das cogitações todas as probabilidades de raciocinar.

A razão se desperta no homem, numa gradação quase imperceptível. O homem primitivo é quase igual ao animal, mas, com possibilidades de, a qualquer momento, começar a surgir em si ideias, de maneira a melhorar as suas próprias condições de vida.

Partiu desse primeiro passo o que aconteceu à humanidade: chegar ao ponto a que chegou, da razão altamente desenvolvida, de maneira que em muitos já começam a surgir os rudimentos da intuição, resultado do raciocínio aperfeiçoado. Daí, partem outras qualidades que até então fazem parte do desconhecido. Aquele a quem se chama de santo, gênio ou místico já se entrega à intuição divina, e é por isso que ele acerta mais que o homem comum. A razão é limitada para determinadas coisas.. Ele não alcança o que podem alcançar os valores do Espírito, na elevação que liberta de todos os interesses materiais, vivendo em completo equilíbrio entre as leis que governam matéria e Espírito. É de se notar que Deus está presente em toda a parte. Ele criou leis, de maneira que elas possam vigiar onde vibram, em um esquema computável sem ceto, na mais perfeita harmonia de vida.

Todos os reinos demonstram harmonia nas ações que correspondem às suas necessidades e às qualidades do Espírito, que são inúmeras; despertadas, são as mesmas que existem nos outros reinos, só que estão em forma de rudimentos, esperando o tempo e a vontade do Criador para crescer e prosperar.

O modo que podemos entender até agora é este: todos somos filhos de Deus com as mesmas possibilidades e os mesmos preitos, por herança divina, porém, para os homens, se movendo em plena razão, a vida mostra que devem se esforçar para conquistar, por serem filhos adultos que já sabem o que fazer. Não nos esqueçamos de Jesus porque, para nós, Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Passando por Ele, encontraremos com mais segurança, Deus. E com Jesus, o instinto se transforma com mais fulgor, em dons mais aprimorados.

74. Pode estabelecer-se uma linha de separação entre o instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra?

“Não, porque muitas vezes se confundem. Mas muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.”

Comentários de Miramez **Inteligência e Instinto - Cap 23**

Não se pode determinar onde termina o instinto e começa a inteligência, contudo, um e outra têm funções diferentes, no âmbito da vida, e dá para perceber no homem evoluído, a imposição de um e a ascendência da outra. O instinto é a mesma inteligência em estado primitivo e a inteligência é o instinto aprimorado, porém, a divisão de um para com o outro é bastante sutil para que se possa constatar com os nossos sentidos.

O instinto é uma espécie de condicionamento divino, na divina estrutura do Espírito; é pois, uma espécie de programação da Divindade, na formação da alma. Podemos analisar os animais: a cada espécie é determinado desenvolver um tipo de vida, e todas as gerações fazem o mesmo, por lhes faltar a razão, sendo ela o fator Primordial no aprimoramento de métodos de todas as criaturas humanas, é bom se notar que o homem de ontem não teria as mesmas condições de vida dos homens de hoje. Tudo melhorou, de modo que o bem-estar cresceu, por ser fruto da inteligência. E, como já dissemos, também a inteligência irá ceder lugar à intuição, que tem aparências de instinto, mas vibra em faixa muito diferente: o primeiro é terreno e a segunda é divina. Em tudo no mundo há ordem para crescer e iluminar.

O instinto, no Espírito encarnado, não atrofia da maneira que muitos pensam, para que a inteligência o domine com toda a exuberância. Ele não desaparece. Notamos sua ação orientadora no mundo inteiro, como sendo uma mente instintiva, a orientar todos os órgãos, senão todo o mundo celular e, como inteligência, notamos sua ação benfeitora no campo externo, desenvolvendo as condições exteriores para a sua própria felicidade. Quando os sentimentos se iluminam, ajudam o raciocínio a beneficiar a coletividade, pela força do amor. A inteligência é prova evidente da maturidade da alma, e é neste momento que Deus acha conveniente que o Espírito fique mais livre e caminhe com os próprios pés, que entre na fase de conquistar a sua paz e, notadamente, responder pelo que faz com as suas faculdades. O instinto é cego no tocante a escolhas por si mesmo; é uma programação, se assim podemos dizer. Já a inteligência tem a capacidade de selecionar e saber o melhor. Ela faz parte mais diretamente da consciência e tira dela informações sobre as leis naturais da vida e das vidas sucessivas.

Tudo isso é motivo de muitas pesquisas ainda, para que a luz se faça. Não podemos deixar de escutar assuntos como esses, tão fascinantes, nos levando a crer que grande parte da nossa felicidade se encontra ao nosso alcance, depois, da dependência de Deus. A Doutrina dos Espíritos veio abrir um campo grandioso de estudos sobre a vida espiritual, e a mediunidade em todas as dimensões de vida nos pode fornecer muitas informações valiosas acerca da vida, da alma e de todos os seus sensíveis corpos, para que possamos nos expressar e avançar para o Senhor.

O instinto impõe o caminho que a alma deve percorrer, a inteligência analisa, observa, e convida o Espírito para experimentar com parcimônia, e a intuição tem plena consciência dos caminhos a percorrer.

Que Deus nos abençoe, para que possamos entender melhor a vida que vivemos.

75. É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais?

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.”

a) – Por que nem sempre é guia infalível a razão?

“Seria infalível, se não fosse falseada pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Comentários de Miramez

Nascendo a razão O instinto se atrofia? - Cap 24

O alicerce de uma obra aparentemente desaparece quando o prédio está pronto; no entanto, passa a existir com muito mais segurança do que antes, pela sua solidez no seio da terra. O instinto não atrofia ao surgir a razão. Ele perde o comando mais visível, como existe no animal, entretanto, ajuda a inteligência nas suas difíceis soluções, no silêncio da própria vida, inerente ao seu estado.

O nada se perde atinge igualmente os dons da alma. Os talentos se inter cruzam em uma fraternidade perfeita, uns ajudando os outros, e todos formando um conjunto, de sorte a trazer ao mundo da consciência a harmonia divina. Compete a cada Espírito compreender a ordem e trabalhar para que ela se estabeleça, com todas as suas diretrizes de amor no centro da consciência e esta redistribuir as bênçãos de felicidade a todo o mundo interno.

O instinto é a base da conscientização de todo o saber; é como que um livro invisível, porém real, onde estão escritas todas as leis reguladas pelo tempo. A razão é esse mesmo instinto na feição de maturidade; é o alicerce da inteligência, que se apóia neste princípio divino, ordenado e estabelecido por Deus, como sol da vida.

Podemos comparar o instinto aos pés dos homens e a inteligência ao exército da razão. Apesar dos meios de transportes sofisticados da época, eles sempre precisam dos pés para tudo o que fazem. Mesmo que se lembrem pouco deles, eles são a base da locomoção dos encarnados. A Doutrina dos Espíritos, no seu conjunto doutrinário, nos oferece muitos meios e métodos agradáveis, para exercitarmos todos os nossos dons, de maneira a que eles possam crescer ampliando seus valores. Uma escada, mesmo usada por muitas criaturas, deve conservar os primeiros degraus, sem os quais não poderá ser usada, além de que são eles que garantem a segurança dos outros. O instinto, o raciocínio e a intuição constituem uma escada evolutiva, são estágios variados do mesmo dom da vida que, juntos, garantem a estabilidade e nos proporcionam meios mais sólidos para vivermos em paz. Nada se acaba na vida; tudo se funde e refunde em busca da perfeição.

O homem não pode desprezar o instinto porque possui a inteligência, nem o super-homem pode abandonar a inteligência, por ter conquistado a intuição. Todos os valores são úteis na engrenagem evolutiva de todos os seres. Entrementes, deve-se saber usá-los na hora certa, como no momento exato servir-se do raciocínio. O conhecimento é a base do equilíbrio e a compreensão, o estímulo de todas as forças do bem que, somadas, esplendem-se no amor. O instinto nunca se transvia, por ser programação da Divindade, no centro das vidas menores, e a razão obedece ao livre arbítrio da criatura, que necessita de experiências para que sua disciplina se alie ao bom senso.

De fato, o instinto é uma inteligência rudimentar mas, que guarda no seu seio celeiros imortais que, desenvolvidos, ultrapassam as belezas da própria inteligência e mesmo da intuição, pelo fato de que o despertar da alma é infinito, na extensão grandiosa do crescimento sem limites, do Espírito.

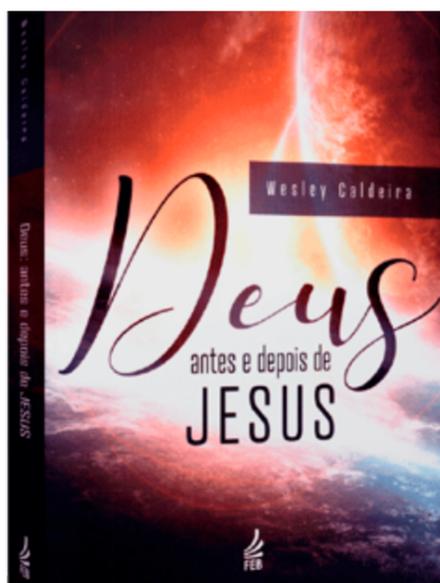
Fontes: O Livro dos Espíritos e Filosofia Espírita Vol II el II

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



Dicas de Leitura

O Espiritismo está fundamentado na razão (no raciocínio), na lógica, no equilíbrio e no bom senso, sobretudo na razão, de tal modo que a leitura e, de preferência, a leitura constante, intensa, constitui grande contributo ao seu entendimento, à sua boa compreensão.



É possível ao homem entender Deus? Desde sempre temos buscado compreender a natureza divina. Da procura por respostas resultaram inúmeras escolas religiosas, a evidenciarem um povo ou uma época, sem propriamente representarem a verdadeira face d'Ele. Em Deus: antes e depois de Jesus, Wesley Caldeira delineia um panorama das principais interpretações sobre o Criador surgidas ao longo da civilização humana, antes e após o maior evento da História: a vinda de Jesus de Nazaré. Vasculhando a memória dos povos, o livro examina as repercussões desses acontecimentos desde tempos imemoriais até os dias recentes do advento do Espiritismo. O primoroso trabalho expõe a relação amorosa e filial entre criatura e Criador, exemplificada por Jesus e revivida pelo Consolador, demonstrando-nos que, para compreender Deus, temos de nos moldar à sua imagem e semelhança, na construção do Reino do Pai no coração do filho. Imponente e rica de informações, a obra que o leitor tem em mão é resultado de profunda e inédita pesquisa, tornando sua leitura indispensável para todos os estudiosos da Religião, espíritas ou não.

Encomende seu exemplar em nossa livraria: <https://bit.ly/37j8dJu>



Para Reflexão

*A Doutrina Espírita sempre nos transmite grandes ensinamentos de forma muito simples. Na visão Espírita, a vida nada mais é, do que um eterno aprendizado.
(Prefácio de Bezerra de Menezes - Filosofia Espírita - Volume XVI)*



Na Busca do Equilíbrio

Que esperar do homem desajustado por tarefas repetitivas, do dia-a-dia, sem o conhecimento e as razões dessas realizações no terreno espiritual? Do homem que procura ansioso o aumento desenfreado de sua renda a fim de enfrentar não só as necessidades, mas, principalmente, para locupletar-se nos prazeres do corpo?

Em qualquer dessas circunstâncias o desgaste é a inexorável resposta de uma conseqüente irritação psicológica, desencadeada sem freios e sem atenuantes, naqueles que desconhecem o mecanismo que o trabalho diário bem conduzido e compreendido pode determinar. Não se pode viver buscando felicidade e ansiando um futuro promissor, com o constante pensamento num trabalho considerado condenação, ou mesmo numa série interminável de afazeres descontraídos, sem ordem e sem uma programação bem estruturada.

Comprendemos que existem casos de difícil avaliação, criados por obrigações imediatas, reclamando drásticas soluções. Mas o comum, o corriqueiro, é o desajuste psicológico em face às tarefas pelo despreparo e incompreensão.

Todo trabalho tem exigências e responde por determinado objeto que, por sua vez, representa um significado, uma expressão de construção e realização. As naturais dificuldades da vida existem em todas as posições a serem conquistadas e vencidas, havendo necessidade de aferições na paciência, no controle de reações afetivas e na expressão de uma atitude equilibrada

Os que desanimam com os primeiros embaraços, as primeiras pedras do caminho ou os acúleos da irritação, devem ser alertados contra esses males; eles podem tomar corpo em constantes mentalizações deprimentes, oferecendo respostas severas àqueles que, mesmo inconscientemente, desfecham negatividades contra a paz da vida. Muitas das reações depressivas e ansiosas do homem de hoje, são reflexos desse proceder. O próprio cansaço resultante de descompassado desgaste e o conhecido estresse são sinais de alarme para que se procurem novos caminhos.

Precisamos ser responsáveis, traduzindo maturidade perante a Lei Evolutiva. Hoje, já não há mais tempo de meias medidas, pois a evolução também não se está retardando; está efetiva, rápida informação que há um ciclo em processo final com nascimento de novas exigências, compreensões e novas responsabilidades. O homem novo está despontando para comandar as novas técnicas e as novas conquistas intelectivas, com o mesmo teor de fatores espirituais, para que o equilíbrio da nova civilização se faça em bases corretas, ajustadas, sem os desencantos e desequilíbrios, que o desajuste psicológico se tem manifestado até os nossos dias.

A criatura no futuro não terá expressões de uma realidade nominal, se não vivenciar as razões do Evangelho e o manancial de informações espirituais corretas que a Terra tem recebido por todos os tempos e, mais expressivamente, após o advento da Doutrina Espírita.

A vida futura só terá expressões no equilíbrio das construções positivas. Os que hoje ainda se acalentam no proceder negativo de que os meios justificam os fins, serão banidos pelas próprias condições reativas da Lei, pela impossibilidade de retenção do negativismo dentro de seus vórtices.

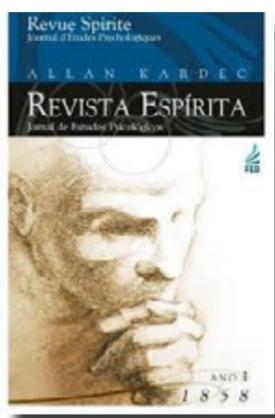
As novas posições da Lei Evolutiva exigirão em seu estofo, por força crescente, as virtudes do bem, onde aparecerá à força do Evangelho com toda sua potência e iluminação, para que a noite dos homens comece a desaparecer diante da aurora fulgurante de um novo ciclo. A consciência humana dará um novo salto cósmico, e somente os que se prepararem terão possibilidades de acompanhar as grandes transformações morais de justiça amor e caridade.

Fonte: correioespirita.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais

"Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Viveremos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe. Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz."

Allan Kardec em O Céu e o Inferno



Instruindo-se com a Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

»Março de 1858

»A Fatalidade e O Pressentimento

Um dos nossos correspondentes escreveu-nos o seguinte:

“Em setembro último, um barco ligeiro, fazendo a travessia de Dunquerque a Ostende, foi surpreendido por um temporal durante a noite. O barco virou e pereceram quatro dos oito homens que compunham a tripulação. Os outros quatro, em cujo número eu me achava, conseguiram manter-se sobre a quilha. Ficamos a noite inteira nessa horrível posição, sem outra perspectiva senão a morte, que se nos afigurava inevitável e da qual já sentíamos todas as angústias. Ao romper do dia, o vento nos empurrou para a costa e pudemos ganhar a terra a nado.

“Por que, nesse perigo, igual para todos, apenas quatro sucumbiram? Note que, a meu respeito, é a sexta ou sétima vez que escapo a um perigo tão iminente e mais ou menos nas mesmas condições. Sou realmente levado a pensar que mão invisível me protege. Que fiz eu para isso? Não sei muito; sou uma criatura sem importância e sem utilidade neste mundo e não me gabo de valer mais que os outros; longe disto: entre as vítimas do acidente havia um digno eclesiástico, modelo de virtude evangélica, e uma venerável irmã da congregação de São Vicente de Paulo, que ia cumprir uma santa missão de caridade cristã. Parece que a fatalidade representa um grande papel em meu destino. Os Espíritos não se achariam ali para alguma coisa? Seria possível conseguir deles uma explicação a respeito, perguntando-lhes, por exemplo, se são eles que provocam ou contornam os perigos que nos ameaçam?...”

Conforme o desejo de nosso correspondente, dirigimos as seguintes perguntas ao Espírito de São Luís, que se comunica de boa vontade, sempre que há uma instrução útil a ministrar.

1. Quando um perigo iminente ameaça alguém, é um Espírito que dirige o perigo e, quando dele escapa, é outro Espírito que o desvia?

- Quando um Espírito se encarna, escolhe uma prova; escolhendo-a, cria-se uma espécie de destino que não pode conjurar, desde que a ele se submeteu. Falo das provas físicas. Conservando seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, o Espírito é sempre livre de suportar ou rejeitar a prova. Vendo-o fraquejar, um bom Espírito pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele de modo a dominar sua vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, mostrando-lhe e exagerando o perigo físico, pode abalá-lo e apavorá-lo, mas nem por isso a vontade do Espírito encarnado fica menos livre de qualquer entrave.

2. Quando um homem está na iminência de ser vítima de um acidente, parece-me que o livre-arbítrio nada vale. Pergunto, pois, se é um mau Espírito que provoca tal acidente, do qual de algum modo é a causa e, no caso em que escape do perigo, se um bom Espírito veio em seu auxílio.

- Os bons ou os maus Espíritos não podem sugerir senão pensamentos bons ou maus, segundo sua natureza. O acidente está marcado no destino do homem. Quando tua vida é posta em perigo, é sinal que tu mesmo o desejaste, a fim de te desvires do mal e te tornares melhor. Quando escapas ao perigo, ainda sob a influência do perigo que correste, pensas mais ou menos fortemente, conforme a ação mais ou menos forte dos bons Espíritos, em te tornares melhor. Sobrevindo um mau Espírito (e digo mau subentendendo o mal que nele ainda existe), pensas que igualmente escaparás a outros perigos e novamente te entregarás às tuas paixões desenfreadas.

3. A fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida seria, então, um efeito de nosso livre-arbítrio?

-Tu mesmo escolheste a tua prova; quanto mais rude for e melhor a suportares, tanto mais te elevas. Os que passam a vida na abundância e na felicidade humana são Espíritos fracos, que ficam estacionários. Assim, o número dos infelizes ultrapassa de muito o dos felizes deste mundo, de vez que em geral os Espíritos escolhem a prova que lhes dê mais frutos. Eles veem muito bem a futilidade de vossas grandezas e de vossos prazeres. Além disto, mesmo a vida mais feliz é sempre agitada, sempre perturbada, mesmo quando não o seja por meio da dor.

4. Compreendemos perfeitamente esta doutrina, mas isto não explica se certos Espíritos têm uma ação direta sobre a causa material do acidente. Suponhamos que no momento em que um homem passa por uma ponte, a ponte desmorona. Quem levou o homem a passar por essa ponte?

-Quando um homem passa por uma ponte que deve cair não é um Espírito que o impele. É o instinto de seu destino que o leva para ela.

5. Quem faz a ponte desmoronar?

- As circunstâncias naturais. A matéria tem em si as causas da destruição. No caso vertente, se o Espírito tiver necessidade de recorrer a um elemento estranho à sua natureza para mover as forças materiais, recorrerá de preferência à intuição espiritual. Assim, devendo desmoronar aquela ponte, tendo a água desajustado as pedras que a compõem ou a ferrugem roído as correntes que a sustentam, o Espírito, digamos, insinuará ao homem que passe por essa ponte, em vez de romper uma outra no momento em que ele passa. Aliás, tendes uma prova material do que digo: seja qual for o acidente, ocorre sempre naturalmente, isto é, as causas se ligam uma às outras e o produzem insensivelmente.

6. Tomemos outro caso, em que a destruição da matéria não seja a causa do acidente. Um homem mal-intencionado dá-me um tiro; a bala apenas passa de raspão. Teria sido desviada por um bondoso Espírito?

- Não.

7. Podem os Espíritos advertir-nos diretamente de um perigo? Eis um fato que parece confirmá-lo: Uma senhora sai de casa e segue pela avenida. Uma voz íntima lhe diz: Volta para casa. Ela vacila. A mesma voz faz-se ouvir várias vezes. Então ela volta, mas, refazendo-se, exclama: Mas... que vim fazer em casa? Vou sair mesmo. Sem dúvida isto é efeito de minha imaginação. Então retoma o caminho. Dados alguns passos, uma viga que tiravam de uma casa bate-lhe na cabeça e ela cai desacordada. Que voz era aquela? Não era um pressentimento do que lhe ia acontecer?

- Era o instinto. Aliás, nenhum pressentimento tem essas características: são sempre vagos.

8. Que entendeis por voz do instinto?

- Entendo que, antes de encarnar-se, o Espírito tem conhecimento de todas as fases de sua existência. Quando essas fases têm um caráter essencial, ele conserva uma espécie de impressão em seu foro íntimo e tal impressão, despertando ao aproximar-se o instante, torna-se pressentimento.

NOTA: As explicações acima se referem à fatalidade dos acontecimentos materiais. A fatalidade moral é tratada de maneira completa em O Livro dos Espíritos.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



Você Sabe Quem Foi?

Jorge Andrea dos Santos

Nasceu em Salvador, a 10 de agosto de 1916. O pai tinha uma biblioteca com cerca de dois mil livros, quase na totalidade em língua francesa, porque a França estava absolutamente à frente do mundo inteiro na época.

Andréa começou a lê-los aos quatorze anos, logo após ter feito um curso de francês. Entrou na Faculdade de Medicina entre dezesseis/dezessete anos e a concluiu aos vinte e um/vinte e dois anos.

Iniciou a clinicar como cardiologista, clínico geral, e chegou a ser interno no Hospital, na área de ginecologia. Foi assistente de seu pai, lecionou na Faculdade de Medicina durante seis a sete anos.

Aos vinte e sete anos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de se especializar e fazer concurso. Optou pela Aeronáutica.

Enquanto participava do curso de aperfeiçoamento inicial, para se adaptar à vida militar, conheceu uma jovem de dezenove anos, Gilda, com quem viria a se casar e com a qual teve oito filhos.

Foi enviado ao Ceará, findo o curso e foi lá que teve seu primeiro contato com o Espiritismo. Levaram-no para assistir a uma reunião mediúnica e percebeu no médium um processo psicológico. Começou a ler a respeito de psicologia, psiquiatria. Foi o processo mediúnico que lhe chamou a atenção para a psiquiatria e para as questões da mediunidade.

Durante 50 anos, atuou como expositor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB), sendo seu presidente no biênio 1984/1985 e, posteriormente, integrando o Conselho Diretor e sendo Presidente de Honra da Instituição.

Foi considerado uma das figuras mais influentes do movimento espírita brasileiro, pela abordagem científica da doutrina espírita.

Na qualidade de médium intuitivo passou a escrever. Diz que dormia, acordava, as ideias vinham, e ele escrevia. Os desenhos esquemáticos dos seus livros também são de sua autoria.

Mas, foi o inconsciente humano e as manifestações do psiquismo que sempre chamaram a atenção do Dr. Jorge para suas linhas de pesquisa. Nesse sentido, dentre os diversos livros escritos englobando as características científicas da Doutrina, merecem destaque:

- Energética do Psiquismo – Fronteiras da Alma (1976);
- Forças Sexuais da Alma (1978);
- Impulsos Criativos da Evolução (1989);
- Psicologia Espírita – 1º. Volume (1978) / 2º. Volume (1991);
- Visão Espírita nas Distonias Mentais (1990);
- Busca do Campo Espiritual pela Ciência (1993);
- Segredos do Espírito (1999);
- Ciência, Espiritismo e Reencarnação (2000).

Dr. Jorge também foi membro da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE), atual ABRADÉ - Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo, e da Associação Médico-Espírita do Rio de Janeiro (AME-RJ).

Participava ativamente, até meados de 2015, no programa “Fala Doutor”, da Rede Boa Nova de Rádio, no qual respondia perguntas e dúvidas dos ouvintes.

Aos cem anos, Jorge Andréa dos Santos, presidente de honra do Instituto de Cultura Espírita do Brasil – ICEB, desencarnou em 1º de fevereiro de 2017.

Fonte: *Compilação de Pesquisa*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Desvendando o Evangelho segundo o Espiritismo

Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino “é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada”.

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a formação moral, não importando sua crença religiosa.

Necessidade Da Caridade, segundo Paulo *- Ítems 6 e 7.*

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; — ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. — E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; — não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade (S. Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, 13:1 a 7 e 13.)

7. De tal modo compreendeu S. Paulo essa grande verdade, que disse: Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou.

Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade. Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

Explicação

Se eu falar as línguas dos humanos e dos anjos, e não tiver Caridade, sou como o metal que soa ou como o sino que tine.

O apóstolo Paulo, o baluarte do Evangelho de Jesus, foi muito explícito quando pronunciou estas palavras: que mesmo falando as línguas dos humanos e dos anjos, sem Caridade nos atos, as palavras passam como os ventos, fazendo apenas ruídos.

E se eu tiver do dom da profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber; e se tiver toda a fé, até a ponto de transportar montanhas, e não tiver Caridade, não sou nada.

Paulo continua recitando esta bela poesia sobre a Caridade, tão esquecida por alguns daqueles que, mesmo possuindo o dom da profecia, conhecendo os mistérios do mundo espiritual, retendo fluídos magnéticos de cura, operando fenômenos ainda desconhecidos por muitos, sem ela nada são, porque só aquele que a pratica trabalha com Jesus.

E se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo físico para ser queimado, se, todavia não tiver Caridade, nada disto me aproveita.

Muitos acreditam que, fazendo doações com rótulo de Caridade, ganham os Céus. Não meus irmãos, a Caridade não está restrita às quantias, e sim a grandeza moral de quem a pratica. Quanto as torturas materiais em nome da Caridade entristecem o Pai, que não nos pede sacrifícios e sim renúncia. Portanto, de nada valem as demonstrações exteriores, se em nossos corações a Caridade não estiver germinando, mesmo devagar, formando pétalas de cujas essências o mundo tanto necessita.

A Caridade é paciente, é benigna; a Caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita errado, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

Quem já desenvolveu a Caridade ou está tentando praticá-la, já está num plano mais próximo do Senhor, possuindo uma integridade de humano correto e de bem, que respeita o seu semelhante, porque reconhece nele uma obra de Deus a ser respeitada e amada. Sendo assim, não usa a inveja, a vaidade, a ambição, a injustiça, a cólera; tudo tolera porque crê. Mesmo sofrendo incompreensões, ele espera que o irmão seja curado pelo remédio do amor.

A Caridade nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou sejam abolidas as ciências: Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a Caridade, estas três virtudes: porém a maior delas é a Caridade.

A Caridade fica, por ser sustentáculo da fé e da esperança. As profecias, as belas palavras e o avanço da ciência emudecem e se deterioram, se a Caridade não imperar nos corações dos seres humanos.

A esperança faz nascer no coração da criatura humana, as boas e nobres aspirações. Porém, a fé as realiza. A esperança sugere, a fé concretiza. A esperança desperta nos corações o anseio de possuir luz própria, portanto, a fé conduz. Quem alimenta a esperança está, invariavelmente, sob o influxo da fé oriunda de alguém.

Tanto a fé quanto a esperança espantam as trevas interiores.

Que seria do Espírito encarcerado na carne se não houvesse nem fé e nem esperança!

É doce ter esperança, é valor ter fé. A esperança gera o desejo, a fé gera o poder. A esperança suaviza o sofrimento, a fé neutraliza os efeitos depressivos.

A esperança sustenta o ser humano nas lutas deste século, a fé assegura desde já a vitória da vida sobre a morte.

A esperança está para a fé, como o Sol está para a Lua. A Lua não tem luz própria, recebe do Sol. A esperança recebe a força da fé.

O Sol é luz; a Lua reflete a luz recebida. A fé é força comunicativa que do coração de quem a tem, passa reflexamente para o coração de outrem, gerando esperança.

Jesus tinha fé. Seus apóstolos e discípulos tinham esperança gerada pela fé exemplificada de seu Mestre. Os corações que se aproximavam de Jesus, e estabeleciam com Ele uma certa comunhão, iluminavam-se com a luz patente do Seu imaculado Espírito.

A Lua clareia os caminhos. O Sol alumia e fecunda a estrada da vida. A Lua é poética, faz cismar e sonhar. O Sol é energia; movimenta, vivifica, ativa, produz. A luz amortecida do satélite da Terra mostra os obstáculos; a Luz brilhante do Sol distingue e remove os tropeços da senda do destino.

E a Caridade?

Não sabemos como dizer. A Caridade é amor, e o amor é inexplicável, é incomparável. Não se define.

A Caridade, espírito da vida, é a mais alta conquista que o ser humano pode entrever. É mais nobre que a generosidade e a filantropia, e é o coroamento do Espírito valoroso.

A Caridade tem início em atos singelos de bondade e se desdobra em lances de renúncia, que assinalam a magnitude do caráter humano. Ela é o resultado do exercício do amor em jornadas de sublimação pessoal, intransferível.

É a antítese do egoísmo, esse câncer responsável pela derrocada da sociedade - é o estímulo vivo da fraternidade, que ligará seres humanos e nações numa só família, qual imenso rebanho sob o comando de um único Pastor.

A Caridade dá-se - o egoísmo toma.
A Caridade se sacrifica - o egoísmo sacrifica.
A Caridade dirige - o egoísmo domina.
A Caridade expõe o amor - o egoísmo impõe o jugo.
A Caridade é vida - o egoísmo é passo para a morte.
O ser humano moderno, dentro de conceitos de filosofia utilitarista, nem sempre tem visão do fulgor resplandecente da Caridade.
Quando afortunado se compraz na filantropia e nela se detém, sem banhar-se na luz da Caridade, que é a claridade solar a permeiar por dentro. O ser humano se perde nos tormentos da posse, esquecendo de se impregnar da excelsa mensageira, donde poderia fruir a paz que é o clímax da felicidade que todos almejam.
Entre Jesus e Pilatos, muitos seres humanos preferem o empregado menor dos tribunais de César ao enviado de Deus.
É falsa a ideia de praticar a Caridade somente ao engodo das realizações filantrópicas, quando se dispõe de posses.
Inicie o seu exercício hoje, aqui e agora.
Não é somente através do que se pode oferecer em moedas ou através do que as moedas podem oferecer.
Lembre-se da Caridade espiritual da compaixão, do silêncio ante a ofensa, da palavra gentil, do gesto de simpatia, do pensamento nobre, da vibração de cordialidade, da desculpa espontânea, do perdão íntimo e incondicional, da luz da oração acessa no recôndito do ser em benefício próprio.
É necessário fixar a mente nos objetivos do ensino evangélico e dar início à renovação espiritual, pacificando-se, e fácil será vestir os nus, alimentar os esfaimados, medicar os enfermos, dessedentar os aflitos e socorrer os agoniados a quem sempre se referiu Jesus.
A Caridade, a virtude dos anjos, refletirá através de você, em torno de você, fazendo-o ditoso e por fim, vencedor das próprias imperfeições, realizado nos objetivos essenciais a que se propõe na presente existência.
A Caridade para com os outros é fruto de longas experiências, porque a Caridade verdadeira é filha do amor.
A Caridade para com os outros começa no respeito aos direitos alheios, ajudando todas as criaturas onde quer que seja, dentro de nossas forças.
Ela é um Sol de Deus, que nunca se apagará.

Fonte: Livro *Como eu entendo O Evangelho segundo O Espiritismo* (Valentim neto e Marli Aparecida Hergersheimer)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

Liga de Pesquisadores do Espiritismo

Em uma iniciativa inédita no movimento espírita, uma série de pessoas interessadas em estudar os vários aspectos do Espiritismo, com certa ênfase inicial no seu aspecto histórico, criou um grupo que se denominou LIGA DE HISTORIADORES E PESQUISADORES ESPÍRITAS - grupo que reuniu várias dezenas de estudiosos pelo Brasil e afora e também em muitos outros países.



Preocupados com a preservação de nossa memória e com as condições em que são realizadas essas pesquisas atualmente, este grupo criou uma comunidade virtual que aproxima pesquisadores e estimula a ajuda mútua nas pesquisas. Busca resgatar aspectos históricos de nosso movimento contribuindo desta forma com a discussão científica.

O caráter com que foi concebida a Liga não é de torná-la uma Instituição formal, nem um grupo de debates. Por isso a Liga não possui Diretoria, Estatutos, Sede, Quadro de Sócios, qualquer espécie de comando e nem recolhe contribuições. A Liga é um cadastro de espíritas dedicados à historiografia e pesquisas em diversas áreas e que se relacionam entre si, trocam experiências, fazem parcerias e se ajudam no desenvolvimento de trabalhos.

Apesar da importância dos "encontros" virtuais entre os membros da Liga, esta tem como peculiar característica de seus membros, o fato de em sua maioria, não se conhecerem pessoalmente, embora muitos tenham renome no seio do Espiritismo no Brasil como estudiosos. Com a finalidade de propiciar e estimular as pesquisas e o apoio mútuo entre seus membros a LIHPE passou a realizar encontros presenciais anuais.

Apesar da importância dos "encontros" virtuais entre os membros da Liga, esta tem como peculiar característica de seus membros, o fato de em sua maioria, não se conhecerem pessoalmente, embora muitos tenham renome no seio do Espiritismo no Brasil como estudiosos. Com a finalidade de propiciar e estimular as pesquisas e o apoio mútuo entre seus membros a LIHPE passou a realizar encontros presenciais anuais.

Estes encontros mostraram-se de grande riqueza de conteúdo, expressamo-nos com este simbolismo para demonstrar o quanto tem sido profícuos, produtivos mesmos, estes momentos de contato humano, e que tem colaborado para reforçar os laços entre os membros da Liga, além de fortalecer as intenções de pesquisa, ao alimentar de férteis ideias os pesquisadores - já foram realizados seis encontros, nas cidades de São Paulo, Campinas e Belo Horizonte.

* Até a edição de 2009, o evento se denominava Encontro da Liga dos Historiadores e Pesquisadores Espíritas. A partir de 2010, o evento passou a se denominar Encontro da Liga de Pesquisadores do Espiritismo, mantendo-se a sigla ENLIHPE.

Após deliberação dos pesquisadores da Liga, a denominação do grupo também foi alterada para Liga de Pesquisadores do Espiritismo - conforme o logo no alto da página.

2008

No ano de 2008, foi realizado, nos dias 27 e 28 de setembro de 2008, o 4o. Encontro Nacional da Liga de Historiadores e Pesquisadores Espíritas.

Sobre este Encontro leiam texto de Jáder Sampaio com algumas fotos

4º ENLIHPE -

[clique aqui para acessar a página](#)

2009

No ano de 2009, no final de setembro foi realizado o 5º Encontro da Liga dos Historiadores e Pesquisadores Espíritas - 5º ENLIHPE - no Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo "Eduardo Carvalho Monteiro" em São Paulo.

Sobre este Encontro preparamos uma cobertura maior

- com resumo das palestras, álbum de fotos e vídeo

5º ENLIHPE -

[clique aqui para acessar a página](#)

2010

Em 2010 foi realizado o 6º Encontro da Liga, com o tema: - O Espiritismo visto pela área de conhecimentos atuais - também no Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo "Eduardo Carvalho Monteiro" em São Paulo.

Sobre este Encontro preparamos uma cobertura com resumo das palestras, álbum de fotos e vídeo - 6º ENLIHPE -

[clique aqui para acessar a página](#)

2011

Em 2011 o 7º Encontro foi no Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, nos dias 20 e 21 de agosto de 2011 e teve como tema: "Espiritismo e ciência: objetos, fronteiras e métodos de investigação" -

[clique aqui para acessar a página principal deste Encontro, com link para os resumos das apresentações e os vídeos respectivos](#)

2012

Em 2012 foi realizado o 8º Encontro da Liga, com o tema: - "Espiritismo na atualidade: das práticas cotidianas ao meio acadêmico" - também no Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo "Eduardo Carvalho Monteiro" em São Paulo.

Sobre este Encontro preparamos uma cobertura com as palestras, álbum de fotos e vídeo - 8º ENLIHPE -

[clique aqui para acessar a página](#)

2013

Em 2013 foi realizado o 9º Encontro da Liga, com o tema: - "Espiritismo e Ciência" - também no Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo "Eduardo Carvalho Monteiro" em São Paulo.

Desse Encontro preparamos uma cobertura com as palestras, álbum de fotos e vídeo - 9º ENLIHPE

[Clique aqui para acessar a página](#)

2014

Em 2014 foi realizado o 10º Encontro da Liga, com o tema: - "Pesquisa Espírita: Passado, Presente e Futuro" - também no Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo "Eduardo Carvalho Monteiro" em São Paulo.

Acessem aqui a página com acesso aos vídeos e fotos do 10º ENLIHPE -

[Clique aqui para acessar a página](#)

2015

Em 2015, o Tema Central foi: “Panorama atual das pesquisas científicas sobre a reencarnação”. O 11º ENLIHPE aconteceu nos dias 29 e 30 de agosto de 2015 na sede da USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), no bairro de Santana, cidade de São Paulo.

Acessem aqui a página com acesso aos vídeos e fotos do 11º ENLIHPE -
[clique aqui para acessar a página](#)

2016

Em 2016, o Tema Central foi: “Mediunidade: pesquisa e história” . O 12º ENLIHPE aconteceu nos dias 27 e 28 de agosto de 2016 na sede da USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), no bairro de Santana, cidade de São Paulo.

Acessem aqui a página com acesso aos vídeos e fotos do 12º ENLIHPE -
[clique aqui para acessar a página](#)

2017

Em 2017, o Tema Central foi: “Prece e curas espirituais” . O 13º ENLIHPE aconteceu nos dias 26 e 27 de agosto de 2017 na sede da USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), no bairro de Santana, cidade de São Paulo.

Acesse a página com os vídeos do 13º ENLIHPE -

[Clique aqui para acessar a página](#)

2018

Em 2018, o Tema Central foi: “Sobrevivência da alma” . O 14º ENLIHPE aconteceu nos dias 25 e 26 de agosto de 2018 na sede da UEM (União Espírita Mineira), em Lourdes – Belo Horizonte/MG.

[Clique aqui para acessar a página com o resumo do evento, fotos e vídeos](#)

2019

O 15º Encontro da Liga de Pesquisadores do Espiritismo - ENLIHPE foi realizado em Fortaleza nos dias 24 e 25 de agosto de 2019.

O tema central foi: “Allan Kardec - 150 anos depois”

Acesse a página com mais informações sobre o 15º ENLIHPE -

[Clique aqui para acessar a página - VEJAM os vídeos](#)

2020

Em 2020 o ENLIHPE foi cancelado em razão da pandemia

2021

O 16º Encontro da Liga de Pesquisadores do Espiritismo - ENLIHPE foi virtual, nos dias 28 e 29 de agosto de 2021.

O tema central foi: “O Livro dos Médiuns”

Acesse a página com mais informações sobre o 16º ENLIHPE -

[Clique aqui para acessar a página - VEJAM os vídeos](#)

2022

O 17º Encontro da Liga de Pesquisadores do Espiritismo - ENLIHPE

O ENLIHPE 2022 foi na USE/SP, na capital de São Paulo, nos dias 27 e 28 de agosto de 2022.

Em 2022 também foi comemorado 20 anos da LIHPE - a Liga de Pesquisadores do Espiritismo.

O tema do ENLIHPE 2022 foi: "Coerência Doutrinária na Pesquisa Espírita"

[Clique aqui para acessar a página - VEJAM os vídeos](#)

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

"Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo, inventado por uma crítica trocista, mas o Espiritismo filosófico, tal qual o compreende quem quer que se dê a pena de procurar a amêndoa dentro da casca. (...) Não diz Fora do Espiritismo não há salvação, mas, como Cristo, Fora da caridade não há salvação, princípio de união, de tolerância, que ligará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em seitas inimigas. Por este outro princípio, Não há fé inabalável senão aquela que pode olhar a razão face a face em todas as idades da humanidade, destrói o império da fé cega, que aniquila a razão e da obediência passiva que embrutece; emancipa a inteligência do homem e levanta a sua moral."

Revista Espírita (1866) Allan Kardec



Aprofundando o Conhecimento das Leis Naturais ou Divinas

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos.

Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

A Lei do Progresso e as Mudanças na Terra

A Lei do Progresso é a garantia maior da harmonia universal. É o crescimento constante. Do simples à complexidade e da complexidade à simplicidade maior. Ao homem cabe contribuir para o equilíbrio, a harmonia e a felicidade eterna. Sem a Lei do Progresso, ou seja, a evolução espiritual, tudo acabaria no caos.

A evolução inserida na Lei do Progresso promove mudanças na Terra. As alterações ocorrem constantemente e, neste terceiro milênio, podemos perceber que caminha a passos mais largos. Barreiras ideológicas vêm sendo rompidas em todas as áreas e a cada uma que se desgasta, o Homem torna-se mais livre e amplia seu espaço em liberdade de pensamento. É a nova era de melhoria nas condições de convivência social! Em fase transitória, os Homens encontram-se em meio a grandes conflitos pessoais. Mas gradativamente eles vão promovendo as alterações imprescindíveis e significantes para a consolidação do processo evolutivo da Terra.

Mudanças exigem maiores inovações. Num processo de inovação, a reação contrária gera conflito. Inovar significa ampliar as possibilidades conforme o grau de exigência das mudanças. A inovação surge com algo diferente que agrada e se torna mais receptivo. A evolução sempre gera processos inovadores, pois a cada nível evolutivo, o homem vive em busca de soluções mais desafiadoras para satisfazer o seu desejo pessoal de vida.

Quando há recriminação por qualquer ato incomum, há também por outro lado reações de apoio. No balanço geral, vence o progresso. Mas tudo caminha a seu modo. Em algumas áreas, muito se modifica rapidamente, em outras, as mudanças são mais vagarosas. Por exemplo, podemos observar uma criança que deseja e resolve fazer determinadas atividades diferentemente daquelas que eram comuns há tão pouco tempo, como o uso de computador com acesso à internet, de celular para falar com os amigos, discussão sobre temas diversos com adultos, hábitos rebeldes, etc. Não demora muito, o adulto resmunga: – No meu tempo não era assim não! Comigo as coisas eram bem diferentes. Não se podia fazer nada e tudo era muito melhor. Mas o que acaba acontecendo? Suponhamos que um pai deseja que seu filho seja como ele o foi na infância – a chamada educação rígida e limitada –, como hora marcada para comer, sair, etc. O filho vai à escola, entra em contato com a sociedade em geral, mantém um relacionamento normal e volta para casa e diz: – Mas pai, todos os meus amigos fazem isso! Só eu que não posso? Por quê? Nessas condições, quem acaba cedendo? Pode até demorar, porém iremos perceber que não é mais possível fazer as mesmas coisas com o passar do tempo e cada vez mais em menor espaço de tempo. O bom senso deve prevalecer sempre. Procurar o melhor caminho em busca das soluções para os conflitos existentes é fundamental.

Outra observação: um jornalista promove severas críticas a tudo na ânsia de ver as coisas funcionarem melhor e rapidamente. A reação será o conflito em alguns e também a concordância em outros. Onde está a razão? Isso não é importante e sim o fato de levantar o assunto ao debate em busca de soluções mais justas possíveis. Outros vivem do passado e escrevem indignados com as alterações rápidas do presente. E nós continuamos seguindo em frente. O tempo não para nunca. O importante é a seriedade, o respeito e a responsabilidade. Aquilo que é fruto de vaidade, orgulho e ganância será esquecido, pois se a evolução é um processo harmonioso, visando manter o equilíbrio do universo, vence o bem comum.

Mudanças promovem desafios fantásticos, encantadores, liberando o potencial da inteligência humana para níveis bem mais elevados.

Mas tudo passa muito rápido e se ficarmos parados o mundo passará ao nosso redor. O tempo promove alto impacto na matéria com alterações visíveis e sensíveis. Então se diz: – Mas já estou com essa idade? Parece que foi ontem que isso aconteceu. Não sinto ter essa idade. O tempo promove o desgaste físico e felizmente também promove a evolução espiritual, ou o aperfeiçoamento do Espírito. E aí percebemos que cada qual encontra-se nessa jornada com seu livre arbítrio, caminhando numa velocidade conforme o seu desejo. Assim, o tempo de existência do espírito encarnado não define seu grau de evolução. Uma criança de 10 anos de idade pode ser muito mais evoluída que um adulto de 80 anos com toda a sua experiência adquirida ao longo de sua vivência na Terra. A evolução espiritual é fruto de aperfeiçoamentos anteriores a esta reencarnação que certamente será complementada por suas ações realizadas agora. O tempo não existe para o Espírito! Individualmente, a evolução é muito complexa, entretanto, é possível observar a evolução geral de uma comunidade e do planeta Terra como um todo. Poderemos refletir sobre a evolução do espírito e sua relação com o meio com uma simples analogia, embora imperfeita dada a sua complexidade. É como se estivéssemos andando numa grande esteira mecânica juntamente com várias pessoas uma ao lado da outra em que esta representasse a evolução contínua e constante. Num dado momento a esteira faz seu giro devagar e todos acompanham a caminhada. Numa outra esteira, todos estão caminhando numa velocidade maior. Em qualquer situação, se pararmos de andar, cairemos da esteira. Se for o nosso desejo (livre arbítrio) de fazer uma caminhada numa determinada esteira, teremos que acompanhar a velocidade dela, determinada pelos demais participantes nessa caminhada.

É possível, portanto, aumentar a velocidade da caminhada, substituindo os indivíduos mais lentos por aqueles que apresentem maior capacidade de caminhar. Observa-se que é lógico que uma só substituição não afetará a velocidade da esteira. A Terra é a nossa grande esteira e todos os seus habitantes estão movendo-a conforme os desígnios da Grande Providência Divina.

Ao longo de toda a história da humanidade, a esteira da evolução caminhou num ritmo lento e aqueles que reencarnaram com a missão de promover o adiantamento moral e intelectual em seu tempo, foram os mais perseguidos e os maiores sofredores desse mesmo processo.

Neste terceiro milênio, Deus designou um nível mais elevado da evolução na Terra. A evolução espiritual do nosso planeta está sendo acelerada e, portanto, caberá a ela receber espíritos com evolução mais elevada, ou seja, aqueles que estão caminhando em uma velocidade um pouco maior. Os mais inferiores deverão se adaptar em outro planeta ou local de habitação semelhante à evolução mais atrasada da Terra.

Por que isso agora? A Providência sabe o que deve ser feito. A harmonia do universo depende da intervenção dos espíritos de luz imbuídos na Lei de Deus. Refletindo com a visão na harmonia universal poderemos deslumbrar a necessidade de mudanças significativas no modo de viver com reflexos na estrutura física da Terra, com o desenvolvimento moral e científico, a fim de mantê-la como um ponto de equilíbrio na grande vida universal e preservá-la dentro dos propósitos divino.



No final de 2004, a humanidade recebeu com tristeza e dor a catástrofe provocada por ondas gigantes no Oceano Índico, as tsunamis, que atingiram grande região do sudeste da Ásia, matando e ferindo milhares de pessoas e deixando milhões de desabrigados vulneráveis a fome, doenças e todo o tipo de sofrimento. Trata-se de uma região pobre do planeta. Os números de vítimas e a amplitude da destruição foram impressionantes. Bastaria dizer que o fenômeno mudou o eixo de rotação da Terra e que liberou energia equivalente à de um milhão de bombas atômicas como a que ocorreu em Hiroshima. Depois, mais destruição e tragédia acontecem causadas pelo furacão Katrina na nação mais rica, os Estados Unidos.

A natureza com suas adaptações ao longo do tempo demonstra a fragilidade e o longo caminho evolutivo que o homem ainda tem pela Terra. É preciso compreender a natureza e o único meio capaz de dominá-la é através da própria inteligência. Sendo assim, é possível imaginar um fenômeno inteligente maior, capaz de controlá-la de alguma forma e razão e manter a vida em harmonia sobre a Terra. Essas adaptações sempre ocorreram desde a criação do planeta. Esporadicamente são registrados na história do planeta terremotos, maremotos, erupções de vulcões, etc., provocando milhares e milhares de mortes e destruições imensas. Mas tudo se refaz novamente.

Graças à vida inteligente é possível lutar pela sobrevivência no planeta. A ciência hoje define a fragilidade do homem frente à natureza. Mas infelizmente mudanças acentuadas podem ser ocasionadas pela própria presença do homem no planeta com sua ação devastadora sobre o equilíbrio do planeta, causada pela inferioridade daqueles que ainda encontram espaço na Terra.

Na realidade a Terra deveria chamar-se planeta Água, já que ele é recoberto em sua grande maioria por água. Existem gigantescas placas formadas de crosta terrestre e de uma porção superior denominada de manto. Cada placa tectônica pode ter alguns quilômetros à até quase 100 km de espessura e estão à deriva flutuando com as partes mais elevadas ficando expostas ao ar se deslocando sobre as placas que estão submersas. Fenômeno este denominado de “Deriva Continental”. As placas oscilam mais de um milhão de vezes ao ano. Terremotos e vulcões se proliferam nas áreas onde as placas se roçam umas nas outras e grande quantidade de energia do núcleo da Terra é liberada na sua superfície. Cerca de 50 mil abalos sísmicos são medidos anualmente e aproximadamente uma centena deles são intensos o suficiente para provocar prejuízos graves a humanidade. As forças que impelem essa gigantesca movimentação vêm do núcleo e do manto da Terra. O núcleo possui espessura de cerca de 3500 km de diâmetro e pressão de 3,6 milhões superior à da superfície da Terra, mantendo uma temperatura de aproximadamente 6600 graus Celsius, bem superior à temperatura do sol (5760 graus Celsius).

Mas no meio de tragédias naturais observadas na Terra olhamos para céu e perguntamos: – Onde estamos? O universo é inimaginável e é impossível entender toda a realidade com a reflexão mais acertada pelo homem na Terra, pois ligado à matéria, ele se encontra desvinculado diretamente do que existe em outra dimensão, ou seja, o plano espiritual. A ciência a cada dia nos mostra o infinito e irredutível ponto onde nos encontramos. É possível definir pelos nossos cientistas, inúmeras tragédias extremamente imensas ocorrendo neste exato momento apenas na nossa via Láctea.

Nascimento e morte de estrelas! Imaginar que a desintegração de uma estrela é capaz de gerar um pequeno buraco do tamanho de uma ervilha, chamado buraco negro, e “engolir” com uma força extraordinária tudo o que se aproximar dele devido à ação da gravidade. E existem muitos e muitos desses buracos negros no universo. Logicamente, se um deles passar pelo nosso sistema solar, destruirá todos os planetas, o sol, a Terra, tudo. E pensar que cientistas na nossa Terra já foram capazes de observar buracos negros muito distantes.

– Onde estamos? O que acontecerá no futuro? Por que tanta destruição na própria natureza?

Não bastassem as tragédias naturais, o homem também contribui para as tragédias no planeta, com destruição dos recursos naturais água, terra e o ar, ou seja, o ambiente todo. Viver na Terra, como coexistência humana nesse ambiente, é então uma prova árdua com a convivência em tragédias provocadas também pelo homem contra a própria necessidade de vida: guerras, doenças por abandono de medidas higiênicas, misérias pelo bem-estar de outros, sofrimentos pela destruição da própria natureza, etc. Mas tudo deve seguir o seu rumo e Deus não pode deixar uma de suas moradas se autodestruir. O caminho é a solidariedade e a união entre a humanidade.

A Lei do Progresso é a garantia maior da harmonia universal. É o crescimento constante. Do simples à complexidade e da complexidade à simplicidade maior. Ao homem cabe contribuir para o equilíbrio, a harmonia e a felicidade eterna. Sem a Lei do Progresso, ou seja, a evolução espiritual, tudo acabaria no caos. O maior entendimento que podemos tirar desses momentos de destruição e tragédias é a visão de que tudo isso despertará no homem o desejo para a solidariedade, a fraternidade e caridade para com a vida na Terra e com a natureza.

A união fraterna entre os povos é o caminho para a convivência mais feliz na Terra. Tudo o que acontece numa região, país ou continente deve ser de interesse de todos. Os que vivem melhor devem viver preocupados com os que vivem em condições inferiores.

Dessa forma, a maior contribuição que o planeta poderá receber do homem é aquela gerada pela vida de cada indivíduo dentro dos princípios da visão do bem comum, ou seja, com responsabilidade, dedicação ao trabalho útil, respeito a tudo, honestidade e solidariedade.

Olhamos para o céu e continuamos com as nossas inúmeras questões em mente e quantas tragédias ainda teremos que vivenciar?

O tempo segue em frente infinitamente e simplesmente queremos viver melhor. Mas estamos fazendo a nossa parte da melhor forma possível?

Referências:

BRODY, D.E.; BRODDY, A. R. 2001. *As sete maiores descobertas científicas da história*. 15. ed. Cia. Da Letras.

Fonte: comkardec.net

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Básicas

em Foco

Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de O Livro do Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas, além de O Que é o Espiritismo dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo

A Gênese

Capítulo IV —

Papel da ciência na gênese

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a de suas religiões, donde o terem sido religiosos os seus primeiros livros. E como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também o da humanidade, elas deram, sobre a formação e o arranjo do universo, explicações em concordância com o estado dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram, durante largo período, o código único das leis civis.

2. Nas eras primitivas, sendo necessariamente muito imperfeitos os meios de observação, muito eivadas de erros grosseiros haviam de ser as primeiras teorias sobre o sistema do mundo. Mas, ainda quando esses meios fossem tão completos quanto o são hoje, os homens não teriam sabido utilizá-los. Aliás, tais meios não podiam ser senão fruto do desenvolvimento da inteligência e do conseqüente conhecimento das leis da natureza. À medida que o homem se foi adiantando no conhecimento dessas leis, também foi penetrando os mistérios da criação e retificando as ideias que formara acerca da origem das coisas.

3. Impotente se mostrou ele para resolver o problema da criação, até ao momento em que a ciência lhe forneceu para isso a chave. Teve de esperar que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar aí o olhar; que, pelo poder do cálculo, possível se lhe tornasse determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade; que a química lhe mostrasse as transformações da matéria e a mineralogia os materiais que formam a superfície do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler, nas camadas terrestres, a formação gradual desse mesmo globo. À botânica, à zoologia, à paleontologia, à antropologia coube iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados.

Com a arqueologia pode ele acompanhar os traços que a humanidade deixou através das idades. Numa palavra, completando-se umas às outras, todas as ciências houveram de contribuir com o que era indispensável para o conhecimento da história do mundo. Em falta dessas contribuições, teve o homem como guia as suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que ele entrasse na posse daqueles elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese, cuja razão esbarrava em impossibilidades materiais, giravam dentro de um círculo, sem conseguirem dele sair. Só o lograram quando a ciência abriu caminho, fendendo o velho edifício das crenças. Tudo então mudou de aspecto. Uma vez achado o fio condutor, as dificuldades prontamente se aplanaram. Em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental. O campo do universo se distendeu ao infinito. Acompanhou-se a formação gradual da Terra e dos astros, segundo leis eternas e imutáveis, que demonstram muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus, do que uma criação miraculosa, tirada repentinamente do nada, qual mutação à vista, por efeito de súbita ideia da Divindade, após uma eternidade de inação.

Pois que é impossível se conceba a Gênese sem os dados que a ciência fornece, pode dizer-se com inteira verdade que: a ciência é chamada a constituir a verdadeira Gênese, segundo a lei da natureza.

4. No ponto a que chegou em o século dezenove, venceu a ciência todas as dificuldades do problema da Gênese? Não, de certo; mas, não há contestar que destruiu, sem remissão, todos os erros capitais e lhe lançou os fundamentos essenciais sobre dados irrecusáveis. Os pontos ainda duvidosos não passam, a bem dizer, de questões de minúcias, cuja solução, qualquer que venha a ser no futuro, não poderá prejudicar o conjunto. Ao demais, malgrado aos recursos que ela há tido à sua disposição, faltou-lhe, até agora, um elemento importante, sem o qual jamais a obra poderia completar-se.

5. De todas as gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos, sem embargo dos erros que contém, postos hoje em evidência, é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são mesmo mais aparentes do que reais e provêm, ou de falsa interpretação atribuída a certos termos, cuja primitiva significação se perdeu, ao passarem de língua em língua pela tradução, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, ou, também, decorrem da forma alegórica peculiar ao estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra, em vez de se lhe procurar o espírito.

6. A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo.

Por que então não se lhe ergueu mais cedo o véu? De um lado, por falta de luzes que só a ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, por efeito do princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito ultracego à letra, e, assim, pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sobre o sentido literal. Partindo, tais crenças, de um ponto primitivo, houve o receio de que, se se rompesse o primeiro anel da cadeia, todas as malhas da rede acabassem separando-se. Fecharam-se então os olhos obstinadamente. Mas, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando uma construção se afasta do prumo, não manda a prudência que se substituam imediatamente as pedras ruins por pedras boas, em vez de se esperar, pelo respeito que infunda a vetustez do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

7. Levando suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou a ciência, de maneira irrefragável, os erros da Gênese moisaica tomada ao pé da letra e a impossibilidade material de se terem as coisas passado como são ali textualmente referidas. Ora, assim procedendo, a ciência, do mesmo passo, fundo golpe desferiu em crenças seculares. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental. Mas, com quem havia de estar a razão: com a ciência, que caminhava prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas, ou com uma narrativa escrita quando faltavam absolutamente os meios de observação? No fim das contas, quem há de levar a melhor: aquele que diz 2 e 2 fazem 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 e 2 fazem 4 e o prova?

8. Mas, objetam, se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou. Se não é uma revelação divina, carece de autoridade e a religião desmorona, à falta de base. Uma de duas: ou a ciência está em erro, ou tem razão. Se tem razão, não pode fazer seja verdadeira uma opinião que lhe é contrária. Não há revelação que se possa sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus, sendo todo verdade, induza os homens em erro, nem ciente, nem inscientemente, pois, do contrário, não seria Deus. Logo, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, o que se deve logicamente concluir é que ele não as pronunciou, ou que tais palavras foram entendidas em sentido oposto ao que lhes é próprio.

Se, com semelhantes contradições, a religião sofre dano, a culpa não é da ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas, dos homens, por haverem, prematuramente, estabelecido dogmas absolutos, de cujo prevalectimento hão feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de resignar-nos, bom ou mau grado, quando não consigamos evitá-lo. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhemos e nos acomodemos com o novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se esboroa, com o risco de sermos arrastados na queda.

9. Para guardar respeito a textos considerados sagrados, dever-se-ia obrigar a ciência a calar-se? Fora tão impossível isso, como impedir que a Terra gire. As religiões, sejam quais forem, jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros manifestos. A ciência tem por missão descobrir as leis da natureza. Ora, sendo essas leis obra de Deus, não podem ser contrárias a religiões que se baseiem na verdade. Lançar anátema ao progresso, por atentatório à religião, é lançá-lo à própria obra de Deus. É ao demais, trabalho inútil, porquanto nem todos os anátemas do mundo seriam capazes de obstar a que a ciência avance e a que a verdade abra caminho. Se a religião se nega a avançar com a ciência, esta avança sozinha .

10. Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da ciência, as quais funestas só o são às que se deixam distanciar das ideias progressivas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Elas, em geral, fazem tão mesquinha ideia da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da natureza, que a ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. Na sua cegueira, porém, preferem render homenagem ao Espírito do mal, atribuindo-lhe essas leis. Uma religião que não estivesse, por nenhum ponto, em contradição com as leis da natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.

11. A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e da humanidade considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A ciência se tem limitado à pesquisa das leis que regem a matéria. No próprio homem, ela apenas há estudado o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se, com exatidão, das partes principais do mecanismo do universo e do organismo humano. Assim, sobre esse ponto capital, pode completar a Gênese de Moisés e retificar-lhe as partes defeituosas.

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se prende a uma ordem especial de ideias, que não são do domínio da ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações. A filosofia, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas há formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, afora as ideias pessoais de seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de verificação suficiente.

12. Esta questão, no entanto, é a mais importante para o homem, por isso que envolve o problema do seu passado e do seu futuro. A do mundo material apenas indiretamente o afeta. O que lhe importa saber, antes de tudo, é donde ele veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todos esses pontos, a ciência se conserva muda. A filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permitem se discuta, o que faz com que muitas pessoas se lhe coloquem do lado, de preferência a seguirem a religião, que não discute.

13. Todas as religiões são acordes quanto ao princípio da existência da alma, sem, contudo, o demonstrarem. Não o são, porém, nem quanto à sua origem, nem com relação ao seu passado e ao seu futuro, nem, principalmente, e isso é o essencial, quanto às condições de que depende a sua sorte vindoura. Em sua maioria, elas apresentam, do futuro da alma, e o impõem à crença de seus adeptos, um quadro que somente a fé cega pode aceitar, visto que não suporta exame sério. Ligado aos seus dogmas, às ideias que nos tempos primitivos se faziam do mundo material e do mecanismo do universo, o destino que elas atribuem à alma não se concilia com o estado atual dos conhecimentos. Não podendo, pois, senão perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples proscrever um e outra.

14. Dessas divergências no tocante ao futuro do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. Entretanto, a incredulidade dá lugar a um penoso vácuo. O homem encara com ansiedade o desconhecido em que tem fatalmente de penetrar. Gela-o a ideia do nada. Diz-lhe a consciência que alguma coisa lhe está reservada para além do presente. Que será? Sua razão, com o desenvolvimento que alcançou, já lhe não permite admitir as histórias com que o acalentaram na infância, nem aceitar como realidade a alegoria. Qual o sentido dessa alegoria? A ciência lhe rasgou um canto do véu; não lhe revelou, porém, o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, nada lhe responde ela de maneira peremptória e apropriada a lhe acalmar as apreensões. Por toda parte depara com a afirmação a se chocar com a negação, sem que de um lado ou de outro se apresentem provas positivas. Daí a incerteza, e a incerteza sobre o que concerne à vida futura faz que o homem se atire, tomado de uma espécie de frenesi, para as coisas da vida material .

Esse o inevitável efeito das épocas de transição: rui o edifício do passado, sem que ainda o do futuro se ache construído. O homem se assemelha ao adolescente que, já não tendo a crença ingênua dos seus primeiros anos, ainda não possui os conhecimentos próprios da maturidade. Apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

15. Se a questão do homem espiritual permaneceu, até aos dias atuais, em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação direta, existentes para comprovar o estado do mundo material, conservando-se, portanto, aberto o campo às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, andou a errar de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do universo e à formação da Terra. O que se deu na ordem física, deu-se também na ordem moral. Para fixar as ideias, faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis a que se acha sujeito o princípio espiritual. Estava reservado à nossa época esse conhecimento, como o esteve aos dois últimos séculos o das leis da matéria.

16. Até ao presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na metafísica, foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica, mais desenvolvida presentemente e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada, o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação.

A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral e o microscópio para o dos infinitamente pequenos. Permitiu se explorassem, estudassem, por assim dizer, de visu, as relações daquele mundo com o mundo corpóreo; que, no homem vivo, se destacasse do ser material o ser inteligente e que se observassem os dois a atuar separadamente. Uma vez estabelecidas relações com os habitantes do mundo espiritual, possível se tornou ao homem seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações. Pode-se, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aí o de que careciam os anteriores comentadores da Gênese, para a compreenderem e lhe retificarem os erros.

17. Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contato, os dois são solidários; ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, tão impossível seria constituir-se uma Gênese completa, quanto a um estatuário dar vida a uma estátua. Somente agora, conquanto nem a ciência material, nem a ciência espiritual hajam dito a última palavra, possui o homem os dois elementos próprios a lançar luz sobre esse imenso problema. Eram-lhe absolutamente indispensáveis essas duas chaves para chegar a uma solução, embora aproximativa.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A pobreza que emudece e amedronta: entendendo a Aporofobia

Aporofobia é um neologismo (derivado do grego, na junção das palavras á-poros (pobres) e fobos (medo), significando o sentimento de aversão, medo ou desprezo aos pobres ou aos financeiramente desfavorecidos.

As revoluções sociais ocorrem sempre. Mas há ciclos. Neles, períodos de atraso se contrapõem aos de avanço. Este último está ligado tanto ao progresso moral, quanto ao progresso intelectual. Pontuaram os Espíritos Superiores que o intelectual precede o moral. Isto porque, encarnando e desencarnando, os Espíritos voltam à Terra – no nosso caso e contexto planetário – trazendo suas concepções, suas inteligências e suas moralidades, todas individuais. O objetivo sempre é e será o de progredir, mas o processo é lento, visto o Espírito dever ter, antes, a necessidade de despertar, o que pode levar tempo. O despertar interior é algo autônomo, como melhor se diz. Não há pecados ou salvamentos. Há o processo de despertar, ante a Lei do Progresso.



O conhecimento, então, é algo que precisa ser despertado nas lutas, nos debates e, inclusive, nas animosidades observadas na sociedade – diríamos, até, mais necessariamente nestas, já que a “calmaria” nunca é palco para crescimentos. Nem para as necessárias revoluções. Neste percurso, o Espírito vai percebendo com esse entendimento que o mal é temporário. Importante dizer que a contribuição, o amparo ou o auxílio que o indivíduo recebe remete, inexoravelmente, ao que o emprega. É, de fato, uma parceria. E, mesmo nos mais ácidos debates (e embates), percebe-se que a volúpia, o rigor, a intransigência, a belicosidade passam a arrefecer à medida em que o ser desperta para outros entendimentos. E sem saltos.

Muitos de nós nos debatemos, cotidianamente, com as lutas contra os vícios morais (espirituais) a que nos curvamos por anos, décadas, encarnações... Todavia, da mesma forma como o sol, que se levanta todos os dias e, mesmo com as nuvens a escondê-lo, ele lá está. Os vícios, então, podem ser, por certo tempo, escondidos, ou negados, quando nos recusamos a ver nossa realidade. Mas eles ali estão, à espera do nosso esforço de superação (transformação moral, como disseram os Espíritos Superiores a Kardec, nos esforços para vencer as nossas limitações ou más inclinações).

Assim é o Ser. É preciso querer o sol, que é o conhecimento, a fim de que sua companheira, a vida, brote e se tenha a possibilidade (real) de transformação. Cabe aqui uma paráfrase de Paulo Freire: a educação não muda a sociedade, mas transforma pessoas, as quais mudam seus valores, e estes se refletem na sociedade.

Em seu livro, “Aporofobia”, Adela Cortina sugere que, antes do ódio à(s) etnia(s) vem o ódio à pobreza. Neste contexto, os “sem-lugar” recebem em geral a ojeriza da sociedade, pois para os que assim procedem, a sociedade é de troca e, como tal, os valores são econômicos. Então, elas se perguntam (ou nos perguntam): – teriam, essas criaturas, algo a oferecer? Este questionamento é de simples resposta para quem estuda a Doutrina Espírita: “O forte deve trabalhar para o fraco” (item 685, “a”, de “O livro dos Espíritos”).

O Brasil, nestes últimos anos, possui um representante singular dessa teoria, a do horror ao pobre, presente ao longo de décadas nos discursos de sua vida pública. O personagem sempre se posicionou contrário às políticas sociais, num discurso transversal de “meritocracia”, acusando os que estivessem em condição desfavorável como “vagabundos”, “Incompetentes” ou “indignos”, bem como a favor do armamento da população. Além disso, em vários outros contextos, seu discurso sempre foi todo “fóbico”, contra as distintas minorias presentes no país.

Com o curso das vidas (e experiências) sucessivas, mas não necessariamente atrelado à Lei do Progresso, alguns especialistas constatarem que o cérebro de muitos indivíduos pode desenvolver uma rejeição ao pobre. Não há respostas definitivas, o que nos direciona a observar e a refletir. Ao nosso redor, nas ruas, mercados, escolas a miséria da população é cada vez mais perceptível.

Os noticiários do Brasil destacam a procura dos brasileiros por ossos, peles e outros subalimentos, revelando toda a sordidez e a ausência de solidariedade para com os mais necessitados. As disputadas carcaças trazem às consciências dos que já despertaram a fome, muita fome. Fome de habitação, fome de alimento saudável, fome de respeito, fome de tolerância, fome de identidade. Fome, enfim, de humanização, da parte dos que se encontram tão covardemente desumanizados.

Neste contexto, é preciso lembrar que as religiões em geral – e, também, a “religião espírita” –, incutem no ser a ideia de pecado e de castigo, em que o sofrimento seria intrínseco ao processo de progresso. Então, nesta cátedra, à espera dos (poucos) eleitos, Deus corrobora com essa situação, distribuindo benesses que são terceirizadas pela fé. Assim, a sociedade embora continue envolta em desacertos de ordem moral, se acalma, aguardando a “distribuição da justiça” nos moldes religiosos. É uma calma fugaz, porque não é verdadeira.

A criatura precisa mesmo é do Bem – porque o mal é sempre transitório – que o levará à felicidade. Mas não uma felicidade egoísta, individualizada, porque a felicidade real ocorre em conjunto – “é impossível ser feliz sozinho”, diz o refrão da canção bossa nova de João Gilberto. Portanto há que se entender a epopeia do retirante a sair de sua terra, pois esta não mais produz. Porque a seca de incentivos e de oportunidades produz a dor – física e moral – e, sem a educação formal e regular, a humanidade não desperta. Ainda que as escolas em geral tentem superar a falta de recursos e enfrentar as facilidades que o tráfico de vidas proporciona, é difícil lutar contra a maré, que é quando as crianças e os adolescentes apenas reproduzem o que vivem: violência, exclusão e falta, falta de tudo.

Voltando aos ensinamentos das Individualidades Esclarecidas (a Kardec), o mal se estabelece, porque os bons não o impedem. E qual seria o motivo da omissão ou da apatia? É difícil enfrentar a manutenção dos privilégios que impera. E, em grande parte, os indivíduos não objetivam se dedicar àquilo que não seja relativo ao seu próprio viver – o que, não raro, envolve desafios e dificuldades inerentes à experiência na carne. Mas, não olhar para o lado, para outrem, significa que não se entendeu a importância do conjunto e de cada uma das individualidades. Para estes, a noção da busca pela renovação espiritual ainda não ocorreu. E, neste universo, considerando a ampla maioria dos espíritas, estes ainda não entenderam o propósito e o sentido da reencarnação – que nada mais é do que a oportunidade de aprendizado. Continuam, os espíritas em geral, com a percepção de pecado (erros pretéritos) e de pagamento (expição) em detrimento da compreensão do próprio processo em si. Preferem repetir, para os outros e para si mesmos, que aquele que sofre “tem o que merece”, porque é a “justiça divina operando”.

Contudo, é impossível continuar assim. Numa Filosofia (Espírita) baseada no entendimento de situações e contextos, individuais e coletivos, de (produção de) conhecimento, ou seja, de vida, de valores, de inclusão, de compromisso, de humanização, enfim, de paz é inviável conviver com a incitação à violência – presente no discurso armamentista. Ademais, enquadrando o horror da fome, tem-se a justificativa equivocada de que se trata de uma oportunidade decorrente do processo da Lei do Progresso, quase sempre “explicado” pelo pagamento (com o mal) dos erros de vidas anteriores. Em consequência, nesta lógica canhestra, morar na rua é uma escolha! A leitura desavisada e precária olvida as causas reais das situações presentes: filhos de pais ausentes ou em ambientes inóspitos, insalubres, violentos... Por outro lado, como é comum ouvir destes mesmos espíritas: – está desempregado? É porque não quer trabalhar!

Por fim, há que se mencionar, também, a precariedade e a mentira dos discursos “comprados”, fáceis contra uma ameaça surreal, inexistente, fictícia: o comunismo, e sua cor representativa, o vermelho. Vermelho de bandeiras de países que foram ditaduras, distorcendo os conceitos de comunismo e de socialismo. Comunismo, aliás, quer dizer comunidade, vivência em comum. E comunidade deve ser o Bem e o Belo para todos. A ação de uns agregando outros e outros agregando todos. Um movimento de verdadeira inclusão, a partir de uma Revolução necessária – a da educação e dos valores sociais que devem estar presentes na sociedade.

Neste sentido, viveremos o axioma: nenhum a menos. Assim, o Espírito precisa entender a necessidade de viver o presente, deixando de lado o passado e seus equívocos – ou, talvez, encarando as ações pregressas como régua, nunca como regra – e, deste modo, no contexto atual, se colocar como elemento transformador, longe dessa atual passividade assustadora, de um conformismo derivado de que “os Espíritos proverão as nossas necessidades”.

Enfim, entender Kardec, porque se analisou Kardec. E poder dizer, diante dos desafios e das conquistas do Espírito: vim, vi e venci a mim mesmo!

Maria Cristina Rivé e Marcelo Henrique

Fonte: comkardec.net

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

"Há um elemento que não se ponderou o bastante, e sem o qual a ciência econômica não passa de teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar os caracteres, aquela que cria os hábitos, porque educação é conjunto de hábitos adquiridos."

Allan Kardec em O Livro dos Espíritos

A gestação, mesmo quando não planejada ou desejada, na maioria das vezes, representa algo bom. Uma nova etapa. Um recomeço. Um início de planejamentos e organizações que são necessários para a chegada de mais um membro na família.

Quando se recebe a notícia de uma gravidez, é inevitável que planos e organizações sejam feitos pelos pais da criança e pela família. Afinal, com ela surge a oportunidade de se fazer a diferença, de, através do novo, oferecer a transformação que desejamos para nós e para o mundo.

E o que fazer quando esses planos são interrompidos abruptamente? Quando algo que ainda nem se sedimentou completamente em nós, mas ao qual já estamos tão vinculados, nos é retirado inesperadamente, sem qualquer aviso ou explicação... Como lidar com esse fato e seus efeitos? Como compreender, aceitar e viver diante de um aborto espontâneo?

O luto pela perda desse bebê que nem pode se formar é apenas um dos inúmeros sentimentos e pensamentos que inundarão a mente desses pais ao receberem a notícia de que seu embrião ou feto não está mais se desenvolvendo. A busca por uma explicação do porquê justamente o seu bebê não pode, como tantos outros, chegar aos seus braços. A culpa de ter falhado em algum momento. A dor por não poder mais estar com alguém que já se ama tanto. A frustração de tantos planos que foram feitos e não poderão ser concretizados. A vergonha por não ser capaz de oferecer à sociedade a continuação do seu legado como as demais pessoas. A raiva de perder algo que desejava, enquanto tantos têm filhos e não cuidam deles como merecem.

Esse turbilhão de sensações e emoções merece ser amparado, acolhido, vivenciado e, acima de tudo, respeitado. Jamais menosprezado ou desmerecido. Nunca se deve dizer a um casal que eles são jovens e logo vão engravidar de novo. Cada filho é único. Sua perda é dolorosa e deve ser vivida e trazida para a história de vida dessa família.

Período valioso

Sendo a vida única e valiosa desde a sua concepção, pois há um Espírito vinculado a esse embrião, orientando sua formação, esse período, apesar de curto e aparentemente insignificante aos nossos olhos encarnados, é valioso e deve ser respeitado e honrado como tal.

Em Ícaro redimido, do Espírito Adamastor, aprendemos que, muitas vezes, quando alguns Espíritos, devido a suas ações quando encarnados e como repercussões destas após o desencarne, “degeneram o mecanismo de suporte de suas consciências espirituais e correm o risco de mergulhar na inconsciência rumo à pseudomorte ovoidal. Na tentativa de ampará-los, o plano espiritual faz uso da embrioterapia, mais eficaz recurso terapêutico usado em favor, por exemplo, de suicidas em eminência de ovoidização. Visa colocá-los em contato com as salutares energias maternas, a fim de adestrar, convenientemente, seus impulsos autocatalíticos. [...] Ao entrar em contato com o útero materno, esgota-se-lhes o impulso contrativo, invertendo-se no sentido da expansão, levando ao refazimento do Espírito”.

Essa é apenas uma das muitas funções terapêuticas que um curto período de tempo no útero materno pode ter. Tanto para o Espírito reencarnante quanto para os demais envolvidos. É por isso que no plano espiritual existe um departamento específico para cuidar desses casos, e ele “se encarrega da cuidadosa seleção daqueles que irão receber esse embrião [...], pois dificilmente um Espírito é aceito sem o consentimento, mesmo que inconsciente, de seus pais”. Isso porque, devemos lembrar, essa é uma oportunidade de aprendizados e resgates de todos os envolvidos, não apenas do Espírito submetido à embrioterapia.

Lembrando que para a Espiritualidade não há determinismo, sendo esse apenas um dos muitos exemplos que podem estar envolvidos nas causas de um aborto espontâneo. Visa apenas mostrar que, o que parece simples aos nossos olhos encarnados e à nossa Medicina, limitada em instrumentos de quantificação, é muito mais amplo e com um propósito maior do que somos capazes de dimensionar.

Sentimentos nunca são em vão

A única certeza que temos é que podemos responder apenas pelos nossos atos e sentimentos. E todo amor ofertado a esse Espírito, todos os planos futuros, todas as alegrias desejadas a ele, jamais serão em vão. Essas vibrações positivas serão colhidas por ele e utilizadas da melhor forma em sua trajetória evolutiva. E é isso o que todo pai e toda mãe pode desejar para um filho: oferecer a ele o seu melhor, durante o tempo que Seu Verdadeiro Pai, Deus, permitir que ele esteja com eles, pois apenas Deus tem o verdadeiro controle de tudo e de todos. O resto é apenas ilusão que construímos tentando ofuscar o quão difícil é se entregar à certeza do Seu Amor por nós.



O tempo pode ser curto, mas os vínculos de amor e gratidão estabelecidos nessa breve gestação serão eternos. E é essa conexão eterna e viva que trará paz aos corações dos que estão temporariamente separados, na certeza de que o aprendizado, apesar de doloroso, levará à almejada felicidade do Amor Verdadeiro.

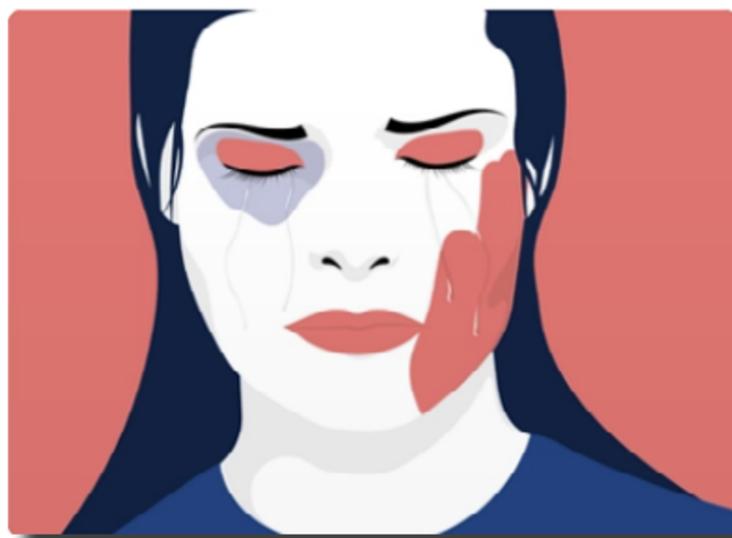
Cristiane Assis

Fonte: *Folha Espírita Ed. 579*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Qual nosso papel no combate à violência contra as mulheres?

Quando a denúncia do anestesista filmado estuprando uma paciente sedada veio à tona, pipocaram nas redes sociais reflexões de quanto podemos já ter sido cúmplices com abusos contra mulheres, seja por ignorância, conveniência social ou por qualquer outro motivo que não nos cabe aqui elencar. O caso do médico, infelizmente, não é isolado. Todo os dias relatos de agressões, estupros, feminicídio, cárcere privado são divulgados. Mesmo em nossas vidas privadas, temos exemplos a compartilhar, particulares ou de familiares, conhecidos e amigos. Frases como “todo mundo conhece uma mulher assediada, mas nenhum homem tem um amigo assediador?” ou “em briga de marido se mete, sim, a colher” mostram que, mais do que apenas refletir sobre o tema, é urgente agir, dar um basta e ajudar a promover as mudanças necessárias.



Como fazer a diferença

Daí surge a pergunta inevitável: como eu, individualmente, posso agir e fazer a diferença? Como ter e incentivar comportamentos que inibam agressões, desde uma piada de mau gosto até uma cumplicidade silenciosa? Como promover uma cultura de paz? Como avançar na conquista da igualdade de gêneros? Sabemos que a mudança individual é o ponto de partida para a transformação coletiva.

Em primeiro lugar, não podemos nos esquecer que muitos registros do Novo Testamento mostram o quanto Jesus Cristo sempre tratou as mulheres em igualdade em relação aos homens, expondo, dessa forma, o absurdo dos costumes da época. E inúmeros são os relatos de quanto Ele as defendeu contra agressões e situações de injustiça. Também o Espiritismo tem como base a igualdade dos gêneros masculino e feminino. Em nossa jornada evolutiva, já encarnamos como homens e mulheres inúmeras vezes, dependendo de nossas necessidades evolutivas. A questão n. 817 de O livro dos Espíritos nos lembra que o homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos, além de ambos possuírem a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir.

A igualdade feminina em nossa jornada evolutiva

Assim, como ponto de partida, temos a certeza de que devemos nos esforçar para colocar em prática nossas convicções cristãs-espíritas, independentemente de como seja o meio em que vivemos, ou mesmo os exemplos que possam ter sido colhidos com outras gerações, afinal de contas os nossos atos e comportamentos são de responsabilidade nossa.

Ainda com base na Doutrina, outro ponto que não podemos ignorar, apesar de muitas vezes esquecermos ou não nos parecer claro: estamos numa jornada evolutiva, ou seja, se olharmos com uma perspectiva histórica já avançamos muito na questão da igualdade feminina. Há, sim, muito a avançar ainda, especialmente quando olhamos a urgente questão de violência contra mulheres, mas as conquistas e os progressos são indiscutíveis nos campos social, político, econômico e jurídico. Mais uma vez, O livro dos Espíritos nos lembra na questão n. 779: “O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contato social”.

Indignação coletiva

É inegável que, atualmente, as barbaridades, como a do caso do anestesista, ganham notoriedade porque temos um acesso muito maior aos fatos, o que faz saltarem muito mais aos nossos olhos, ou seja, por mais que estejamos evoluindo, a impressão é que estamos cada vez pior, que regredimos, o que não é verdade. Entretanto, que bom que fatos como este nos causam desconfortos cada vez mais, mobilizam mais e mais pessoas, invadem as redes sociais. Esse é um sinal claro de que a indignação cresce a cada novo caso.

Quando observamos essa indignação coletiva, nos lembramos uma vez mais de Allan Kardec, que revela que em nossa jornada evolutiva, muitas vezes, é preciso que o mal atinja o seu pico para que a transformação se mostre urgente e gere a união coletiva para combatê-la. “Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto deveria, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma” (O livro dos Espíritos, questão n. 783). Dentro dessa perspectiva histórica de progresso constante e inevitável, fica claro que a conquista da real igualdade dos gêneros na Terra depende da cooperação individual, da nossa mudança íntima.

Como devemos agir?

Por onde começar? Olhando francamente para dentro de nós mesmos. Se algo mexe conosco, nos faz sentir mal, incomoda, mudanças são necessárias. Passe a vigiar no seu dia a dia pequenos gestos, que podem parecer inofensivos: uma piada que inferioriza a mulher, um comentário jocoso entre conhecidos, padrões de desrespeito em relacionamentos sexuais e amorosos e muitos outros comportamentos que podem ser indícios de inferioridade moral.

Conscientemente, vamos fomentar o feminino em nossa existência. Kardec nos lembra, em O livro dos Espíritos: “Deus apropriou a organização de cada ser às funções que ele deve desempenhar. Se deu menor força física à mulher, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e a debilidade dos seres confiados aos seus cuidados”.



Interromper o ciclo degradante da violência e do ódio

De forma geral, a belicosidade, a competitividade, a agressividade e a arrogância prevalecem em almas masculinas, enquanto a docilidade, o cuidado, o amor estão relacionadas ao feminino. Por que não deixá-las prevalecer em nós, independentemente de estarmos vivendo uma experiência como homem ou mulher? E a partir desse ponto de inflexão, mudarmos nossa maneira de nos indignar, promovendo uma autorreflexão e até mesmo reeducação de nossos comportamentos. Se a resposta for ainda a belicosidade, a agressividade, estaremos, de certa forma, ainda que inconsciente e sob a bandeira de uma causa justa e importante, sustentando a violência. É importante ressaltar que a não violência na resposta aos fatos não quer dizer, de forma alguma, conivência com o mal praticado, mas, sobretudo, a interrupção de um ciclo degradante em que a violência e o ódio só nutrem o

despertar do mal em nós.

Jesus, modelo e guia da humanidade

A doutora Marlene Nobre sempre destacava que a nossa transformação se dá por meio dos ensinamentos cristãos e que nunca podemos nos esquecer de que Jesus é o modelo e guia da humanidade. Em seu livro O clamor da vida, relembra: “O velho ditado de que ‘violência gera violência’ tem, finalmente, o seu mecanismo de ação demonstrado no sistema em rede, no qual estamos todos envolvidos: é impossível tocar em uma pequenina parte dessa teia sem que o conjunto receba o impacto”.

Isso significa que o combate à violência contra as mulheres não pode ser pautado em mais ódio, mais violência, em retribuição de agressões. Todos devemos, sim, sempre expor e combater situações de desigualdade e violência, mas sempre nos perguntando: o que essa violência tem a ver comigo? Como posso ajudar na difícil tarefa de cessar o mal para que não mais se repitam fatos como esses?

Educação e autoanálise

O mal é temporário, mas o bem é eterno. Ao pensarmos assim, temos que nos dedicar à semeadura profícua do que desejamos para o “Mundo Novo”, onde a violência não vai mais estampar os noticiários e onde mulheres e homens, independentemente de qualquer coisa, viverão de forma harmônica e fraternal. Essa semeadura começa com uma postura educativa, primeiramente, com uma autoanálise sobre o que pensamos, falamos e fazemos. Será que esses comportamentos influenciam ou sustentam qualquer tipo de violência? Será que em meu lar tenho dado exemplos de compreensão, amor e respeito para com aqueles que lá vivem comigo? Como eu costumo reagir a uma agressão no trânsito? Qual é a minha postura em rodas de conversa em que se dedica tempo à maledicência? Eu realmente respeito, considero e apoio as mulheres em meu ambiente de trabalho? Essas pequenas coisas, quando em desarmonia com a lei de amor, promovem fissuras de agressividade e violência que vão pouco a pouco expondo a animalidade que ainda existe em nós.

Ponto final no ciclo da violência contra mulheres

Temos que ser, sim, responsáveis para com as mudanças para as futuras gerações, começando hoje, aqui e agora um ciclo de não tolerância à violência contra as mulheres, combatendo a violência em todas as esferas. Por exemplo, até quando vamos alimentar em nossos meninos o estímulo às lutas e guerras com brinquedos?

Essa responsabilidade se estende às nossas atitudes e aos nossos exemplos no trabalho, entre amigos, com familiares. “Tenho aprendido com os Benfeitores Espirituais que a paz é a doação que podemos oferecer aos outros sem tê-la para nós mesmos. Isto é, será sempre importante renunciar, de boa vontade, as vantagens que nos favoreceriam, em favor daqueles que nos cercam. Em razão disso, seríamos todos nós, artífices da paz, começando a garanti-la por dentro de nossas próprias casas e dos grupos sociais a que pertencemos”, ensina Chico Xavier no livro Entender conversando.

Para finalizar esta reflexão, recorreremos à nossa querida Marlene Nobre no livro O farol de nossas vidas: “primeiro vamos ver que é preciso conhecer-se pela autoanálise, que é um processo sistemático e permanente de autoeducação e remodelação do mundo íntimo [...]. Em que momento eu agi erroneamente para com o meu semelhante? Como devo fazer para modificar a conduta? E aí se o nosso conhecimento do Espiritismo é sincero, e se nós queremos realmente produzir, nós deixamos de lado aqueles defeitos que nós temos e passamos a encarar a nossa renovação para valer. Nós nos esforçamos para melhorar a cada dia, a cada instante”.

Então, antes de reagirmos ao mal que nos entristece e até mesmo revolta com mais violência, vale a pena pararmos, refletirmos e observarmos o que podemos fazer de forma efetiva e transformadora para a extinção do mal em nós mesmos, na sociedade e nas próximas gerações. Para nos educarmos, vale refletir sobre a belíssima mensagem de Bezerra de Menezes, para lutarmos para a extinção do mal.

Extinção do mal

Na didática de Deus, o mal não é recebido com a ênfase que caracteriza muita gente na Terra, quando se propõe a combatê-lo.

Por isso mesmo, a condenação não entra em linha de conta nas manifestações da Misericórdia Divina.

Nada de anátemas, gritos, baldões ou pragas.

A Lei de Deus determina, em qualquer parte, seja o mal destruído não pela violência, mas pela força pacífica e edificante do bem.

A propósito, meditemos:

o Senhor corrige a ignorância com a instrução;

o ódio com o amor;

a necessidade com o socorro;

o desequilíbrio com o reajuste;

a ferida com o bálsamo;

a dor com o sedativo;

a doença com o remédio;

a sombra com a luz;

a fome com o alimento;

o fogo com a água;

a ofensa com o perdão;

o desânimo com a esperança;

a maldição com a bênção.

Somente nós, as criaturas humanas, por vezes, acreditamos que um golpe seja capaz de sanar outro golpe. Simples ilusão. O mal não suprime o mal. Em razão disso, Jesus nos recomenda amar os inimigos e nos adverte de que a única energia suscetível de remover o mal e extingui-lo é e será sempre a força suprema do bem.

(Anuário Espírita, 1968, Psicografia de Chico Xavier.)

Fonte: Folha Espírita Ed. 582

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Informe sobre as Atividades Presenciais

Informamos que o GEEDEM retornou com as seguintes atividades presenciais:

Palestras Públicas:
Segundas-feiras às 14h e 20h
Quartas-feiras às 14h e 19h
Sábados às 14h

Evangelização infantojuvenil
Sábados às 14h

Mocidade
Sábados às 14h

Atendimentos com a equipe do Dr. Eduardo Monteiro
(médico espiritual): Segundas-feiras às 14h e 20h

Atendimento com a equipe Irmão José
(atendimento fraterno)
Quartas-feiras às 14h e 19h
Sábados às 14h



Aos domingos não temos palestras presenciais mas, temos palestras ao vivo às 18h pelo Canal Família GEEDEM. Todo domingo um palestrante convidado e com tradução em libras!



YOUTUBE LIVES

Canal Família GEEDEM

**“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.”
 (“O Livro dos Espíritos”, item 930)**

Cristo, ou mais propriamente Jesus, é um dos personagens mais importantes da História. Não é à toa que a contagem do tempo se encontra dividida entre o antes e o depois de seu nascimento, por definição político-social. Entre o mito e o homem que existiu, a pouco mais de 2.000 anos, há uma infinita distância. Similar àquela que existe entre a idolatria e o equilíbrio na análise, a que chamamos bom senso.

Qual seria, então a “lei do Cristo”, conforme a dicção dos Instrutores Espirituais que dialogaram com o Professor Rivail (Allan Kardec) na segunda metade do Século XIX, conforme o trecho por nós sublinhado na abertura deste artigo?



Mas, antes, é preciso uma contextualização, tanto da proposta do Carpinteiro de Nazaré – a quem alcunho, carinhosamente, de Magrão – quanto da vigente nos dias desta segunda década do terceiro milênio da “Era Cristã”.

De pronto, podemos dizer que a conjuntura, o cenário e as convenções humanas, em todas as épocas, produzem o encanto em relação a indivíduos, nas mais diversificadas posições e áreas. Na religião, na política, na educação, na profissão, na família, nas artes, nos esportes, no rol de amigos, o indivíduo busca inspirar-se e espelhar-se em alguém. Muitas das vezes, o sentimento não ultrapassa o estágio de admiração e encanto, mas há os que, de tanto apreciarem o outro e observar-lhe as condutas e ações, em termos de exemplos, lhe seguem os passos e, em alguns casos, o discípulo supera o professor.

Jesus foi um homem admirável, ainda que sua trajetória esteja permeada pela construção ficcional e mitológica, em que a Igreja forjou a identidade de um ser que seria, para a dogmática litúrgica, a encarnação de Deus na Terra. Do nascimento à morte, uma série de fatos sobrenaturais e milagrosos, distante da condição humana, afastando-o, portanto, do elemento que, para nós espíritas, é o mais importante: sua semelhança conosco e a obediência de todos os seres às Leis Divinas ou Naturais (**veja-se a terceira parte de “O livro dos Espíritos”**). Afinal de contas, ele mesmo teria dito: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas” (Jo; 14:12).

Nos passos do Galileu, havia muita misericórdia, fraternidade, benevolência, indulgência, paz e, é claro, esperança. Não foram apenas as palavras (frise-se isto!), mas as atitudes. O embrião do Reino dos Céus na Terra foi gerado, a semente do bem aqui foi lançada e a casa foi erigida na pedra na latitude e longitude das sociedades terrenas. Disto não temos qualquer dúvida.

Evidentemente, o revolucionário do amor foi incompreendido, perseguido e condenado à morte, justamente por seus atos e convicções. O tempo passou, e os algozes prosseguem, dos menores aos maiores cenários, patrocinando as mesmas iniquidades da ambiência dos primeiros anos da Era Cristã. Nestes dias de 2022, em todo o mundo e, particularmente, em nosso país, as mazelas sociais se avolumam e agravam o triste quadro de convivência. E um problema em especial merece nossa atenção, como verdadeiros (ou bons) espíritas – definições da obra kardeciana, na direção do homem de bem – que é a questão da fome.

No início do mês de junho, as mídias destacaram o resultado da pesquisa Vox Populi realizada entre novembro de 2021 e abril de 2022, compreendendo 12.745 domicílios de 577 municípios nos 26 estados e no Distrito Federal: 33,1 milhões de pessoas, no Brasil, passando fome. Ou seja, 15,5% da população brasileira, superando os dados anteriores que eram de 9,1%, isto é, 19 milhões de brasileiros. Completa o diagnóstico, a conclusão de que 60% dos domicílios relataram algum tipo de dificuldade de alimentação e 58,7% dos habitantes do Brasil (125,5 milhões de habitantes) convive com insegurança alimentar em algum grau.

O quadro acima é catastrófico! Que podemos dizer em relação à decantada efígie e dístico do Espiritismo oficial: “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”? Ou, em face de outro bordão presente na retórica espírita, de que o nosso país seria o “Celeiro do Mundo”. De fato, o país é autossuficiente em produção agrícola e animal, em termos alimentares. Então, como podemos conciliar a prédica religiosa espírita e a realidade da indústria agropecuária com um quadro explícito de inanição e fragilidade, individual e coletiva e, mais que isso, o completo divórcio entre discurso e prática?

A gravidade dos números nos endereça, em primeiro plano, para a identificação dos responsáveis (material e espiritualmente) pelo quadro cruel e violento imposto à sociedade brasileira. Vamos a eles:

- 1) Os governos ou estruturas político-administrativas de nosso país, a quem compete a edição de medidas preventivas e corretivas em relação aos problemas sociais existentes e pela não-adoção de políticas públicas relevantes de emprego e renda;
- 2) A classe empresarial, sobretudo as grandes corporações, não-necessariamente vinculadas ao agronegócio, pela indiferença em face do quadro em tela, e pela não idealização e execução de projetos socialmente necessários, para a diminuição dos efeitos ou para a promoção de algum benefício compensatório, sobretudo para os mais carentes;

3) As igrejas em geral, que são centros de arrecadação de valores em números significativos, as quais, apesar de, algumas, terem programas sociais, neste momento de destacada gravidade, não têm se mobilizado para ações efetivas em prol da minimização das carências alimentares dos irmãos brasileiros; e,

4) O indivíduo em geral, sobretudo os que parecem “dar de ombros” em relação a esta problemática, entendendo, em padrões egoísticos, que cada um deva trabalhar pelo “pão de cada dia”, distante dos sentimentos cristãos de solidariedade, fraternidade e caridade.

Os últimos anos, em nosso Brasil, têm sido marcados pelo retorno de sombras que, pensávamos, inocentemente, já estavam sepultadas e, inclusive, carcomidas pela ação do tempo, com total destruição, como sói acontecer em a Natureza. Os despojos materiais são consumidos pela ação dos micro-organismos que atuam naturalmente na decomposição daquilo que foi extinto. No entanto, surpreendentemente, o ambiente social voltou a respirar ares putrefatos.

Uma série de sentimentos inferiores, discursos e práticas violentas, calcadas na profunda incompreensão humana sobre as diferenças de pensamento e expressão e, mais ainda, posicionamentos e discursos embasados no ódio, tornaram-se comuns e corriqueiros. A insensibilidade e a falta de empatia para com problemas e dificuldades alheias figura em manifestações de pessoas públicas, algumas ocupantes de funções ou posições de destaque na estrutura político-social da nação, e encontram eco em personalidades (mais ou menos) influentes na sociedade, como artistas, esportistas, políticos e empresários.

A animosidade entre os irmãos (em Humanidade) ainda é amplificada nas redes sociais, onde o diálogo que deveria ser livre e respeitoso, por numerosas vezes é permeado por impérios e destacada agressividade, num ambiente de belicosidade que parece materializar o desejo íntimo de aniquilação de quem pensa diferente ou não professa as “crenças” do outro. Não raro, também, as políticas de cancelamento e de linchamento público de determinadas pessoas – em face da mera expressão do pensamento, ainda que discordante – são comuns e provocam, também, o coro do fanatismo e da perseguição.



Neste contexto, vale lembrar as carinhosas instruções dos Espíritos, repisadas pelo Professor francês, na “Revue Spirite”, Setembro, 1862, na dissertação “Perseguições”:

“Quando virem a impotência da arma do ridículo, experimentarão a da PERSEGUIÇÃO. Não mais haverá martírios sangrentos, mas muitos irão sofrer nos seus interesses e nas suas afeições. Procurarão DESUNIR as famílias, reduzir os adeptos pela fome, dar-lhes ALFINETADAS, por vezes piores que a morte. Mas aí encontrarão ainda almas sólidas e fervorosas que saberão enfrentar as misérias do mundo, na esperança do futuro melhor que as espera. Lembrai-vos das palavras do divino Salvador: ‘Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados’. Tende certeza, entretanto, que a era da perseguição, na qual em breve entrareis, terá curta duração e os vossos inimigos colherão apenas vergonha, porque as armas que empregarem contra vós voltar-se-ão contra eles” (grifos nossos).

O homem de bem não persegue, não calunia, não difama. O verdadeiro espírita adota a não-belicosidade como premissa, atentando para a observação feita por Kardec, inclusive pela recomendação final: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para DOMINAR SUAS MÁIS INCLINAÇÕES” (“O evangelho segundo o Espiritismo”, Cap. XVII, Item 4, sublinhamos).

Abster-se de contendas (inúteis) e não duelar, ainda que verbalmente, pelas plataformas sociais, ainda que o nosso interlocutor deseje avidamente o conflito, deve ser a opinião do homem prudente. E isto não significa, em nenhum parâmetro, renunciar às suas próprias convicções ou fraquejar diante de argumentos contrários. Longe disso.

Do contrário, significa guardar as ARMAS MORAIS, simbolizadas pelos bons propósitos e a disposição de efetiva construção de uma sociedade mais humanizada, próspera e feliz, destinando nossa atenção, nossa transpiração, nosso tempo e nossas vibrações espirituais a temas e a projetos muito mais relevantes.

Vivemos uma época significativa – ainda que as anteriores também o sejam, dado que cenário e tempo são quadrantes importantes para cada uma das individualidades, sobretudo em face do curso progressivo espiritual – e o antagonismo entre os caminhos apresentados, que têm a ver com a forma de entendimento de cada um, pode conduzir ao desejo de sobrepujar, a qualquer preço, as opiniões alheias.

Infelizmente, discursos e práticas também encampam os grupamentos de matiz religiosa e, neste sentido, a ambiência do chamado Movimento Espírita Brasileiro (MEB) não está imune aos embates e à peculiar agressividade dos Espíritos ainda inferiores e embrutecidos.

É Kardec mesmo quem adverte, neste contexto religioso-espiritual:

“Começou a era predita. De várias direções assinalam-vos atos que a gente lamenta sejam praticados pelos ministros de um Deus de paz e de caridade. Não falaremos das violências feitas à consciência, expulsando da igreja aqueles que a ela conduz o Espiritismo. Tendo tido tal meio resultados mais ou menos negativos, buscaram outros mais eficazes” (“Revue Spirite”, Setembro, 1862, na dissertação “Perseguições”).

Por fim, merece destaque pela singularidade da mensagem direcionada aos tempos atuais, constante da Codificação Espírita, de que a guerra, as pestes, a fome e os tremores de terra (remontando ao evangelho de Mateus; 24: 6 a 8), receberam das Inteligências Superiores a explicação de que, “sob essas alegorias ocultam-se grandes verdades: primeiramente o anúncio das calamidades de todos os gêneros que atingirão a humanidade e a dizimarão; calamidades engendradas pela luta suprema entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as ideias retrógradas” (“A Gênese, Cap. XVII, Item 56).

Não é por outra razão que o Espiritismo proclama outras verdades, para a Humanidade. Neste sentido, voltando ao item da obra primeira, que está na abertura deste ensaio (930), Kardec assim complementa a resposta dos Espíritos Superiores: “Com uma organização social previdente e sábia, o homem não pode sofrer necessidades, a não ser por sua culpa. Mas as próprias culpas do homem são frequentemente o resultado do meio em que ele vive. Quando o homem praticar a lei de Deus disporá de uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e com isso mesmo será melhor”.

A fome, assim, não pode passar ao largo, despercebida, dos homens de bem, dos verdadeiros espíritas, ou, como quiserem, para representar uma bandeira maior, os cristãos do nosso tempo. Não é possível nem aceitável, pois, ficarmos indiferentes ante a perspectiva do número de óbitos e do agravamento das condições de saúde físico-psicológica-espiritual de quase um sexto da população nacional, conforme os dados do levantamento aqui exposto.

E, tampouco, não se pode aceitar, sob qualquer hipótese e pretexto, que a maior autoridade político-administrativa do Brasil, auto declaradamente cristã, responda lacônica e jocosamente, fazendo escárnio com a dor alheia, de seus irmãos, com o seu costumeiro “E daí? – para a situação pandêmica existente no Brasil e no mundo, poderia repetir: “E daí? Não sou cozinheiro!”.

Perdemos, enquanto nação e, mais precisamente, como espíritas, o “feeling” em relação à dor e à morte, a sensibilidade em relação às expiações e provas dos nossos semelhantes. E não é possível escudar-se em preferências ideológicas ou na falácia da “disputa” entre lados, no cenário político, para validar o atual quadro ou a iminência da sua permanência. Para isto tudo, dizemos: – Basta!

Que nos inspiremos, na luta de hoje e na de amanhã, na recomendação dos Bons Espíritos a Kardec: “Não haverá mil vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa vontade para com aqueles a quem nada falta e que vos volta as costas assim precisais dele?” (“O livro dos Espíritos”, item 947).

Se o meio social tem produzido esta série de mazelas que transparecem a olho nu, sem a necessidade de sermos especialistas em dadas matérias, devemos encarar o nosso grau de responsabilidade diante do quadro atual e do futuro que se avizinha. E ele consagra: a ordem social presente no Brasil de 2022 está muito distante da justiça e da solidariedade que caracterizam a lei de Deus. E, ao que parece, seja este momento (político-eleitoral e social) a oportunidade preciosa para encerrar um ciclo de iniquidades, sofrimentos e fome, para a construção coletiva de um ambiente mais favorável. Eis o que está em nossas mãos, espíritas cidadãos brasileiros!

Fonte: comkardec.net.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Evangelho para Enlutados



Canal
Família GEEDEM



Evangelhos realizados pelos(as) tarefeiros(as) do Atendimento Fraternal que trás palavras de consolo para aqueles que estão vivenciando o luto, seja ele pela partida de um ente querido, a perda de um emprego, o fim de um relacionamento, a morte de um animalzinho de estimação ou qualquer situação que envolva separação de algo que nos é caro.

Todas as quartas-feiras às 20h pelo YouTube (Canal Família Geedem)

Os vídeos ficam disponíveis no canal após o término.

Fora da Caixa

O que acontece por aí...



Em breve iniciaremos a transmissão
Quando a Ciência e a Filosofia se reencontram

Professora Lúcia Helena Galvão e
Neurocientista Miguel Nicolelis

Quando a Ciência e a Filosofia se Reencontram

Miguel Angelo Laporta Nicolelis é um médico e cientista brasileiro, considerado um dos vinte maiores cientistas em sua área no começo da década passada pela revista de divulgação Scientific American. Foi considerado pela Revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009. Nicolelis foi o primeiro cientista a receber no mesmo ano dois prêmios dos Institutos Nacionais de Saúde estadunidenses e o primeiro brasileiro a ter um artigo publicado na capa da revista Science.

<https://www.youtube.com/watch?v=ZZcXTJmdYHE>

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

O sábio é aquele que venceu os medos

O filósofo francês Luc Ferry entende que a filosofia traz as respostas para que o homem possa superar seus medos, que são os obstáculos que impedem que ame os outros e seja livre.

Assista aqui:

<https://www.fronteiras.com/assista/exibir/o-sabio-e-aquele-que-venceu-os-medos>

O Fronteiras do Pensamento reúne pensadores influentes em ciclos de conferências para debater temas intrigantes da atualidade.

O Fronteiras questiona, coleciona respostas e explora ideias que impactam e alimentam toda a sociedade – na arte, nos negócios e na vida cotidiana.

Dica de Livro:

Torto arado, de Itamar Vieira Junior

O primeiro romance do escritor baiano Itamar Vieira Junior arrebatou uma série de prêmios importantes como o Jabuti de Literatura e o Prêmio Leya de Livro do Ano e foi lançado em 2019.

Passado no sertão baiano em um contexto rural, conhecemos uma família de descendentes de escravos que segue sendo explorada - apesar da lei Áurea já ter sido assinada há mais de 100 anos, em 1888.

As duas protagonistas, as irmãs Bibiana e Belonísia, lidam de formas bastante distintas com a condição em que vivem ao lado da família. Enquanto Bibiana tem uma postura mais conformada com o destino, Belonísia é revoltada com a condição em que a família vive e deseja com todas as forças lutar pela terra onde trabalham.

Num contexto marcado pelo preconceito racial e de gênero, pelo conservadorismo e sobretudo pela exploração, Belonísia sente que o seu papel é lutar pela emancipação dos trabalhadores explorados e oprimidos.

Torto arado é um livro corajoso que pretende fazer um retrato da vida rural da Bahia.

TORTO ARADO

ITAMAR VIEIRA JUNIOR



Para a Criançada!



BIBLIOTECA VIRTUAL INFANTIL

O site Biblioteca Virtual Infantil (ufjf.br/bibliotecavirtualinfantil) é um projeto de alunos e docentes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que se propõe a democratizar obras de literatura infantil para estimular o amor pela leitura entre a criançada.

A página reúne fábulas, quadrinhos, poesias, dicionários e dicas de brincadeiras. O acesso ao conteúdo é gratuito e não é necessária a realização de nenhum cadastro.

<https://www.ufjf.br/bibliotecavirtualinfantil/>